



INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS MACEIÓ
CURSO DE GRADUAÇÃO DE LICENCIATURA EM LETRAS/PORTUGUÊS

VANDERSON ALVES RODRIGUES

A INFÂNCIA SILENCIADA NA OBRA *GRANDE BAÚ, A INFÂNCIA*, DE ARRIETE VILELA: REPRESSÃO SIMBÓLICA, AFETIVA E SOCIAL NAS RELAÇÕES FAMILIARES

MACEIÓ

2025

VANDERSON ALVES RODRIGUES

A INFÂNCIA SILENCIADA NA OBRA *GRANDE BAÚ, A INFÂNCIA*, DE ARRIETE
VILELA: REPRESSÃO SIMBÓLICA, AFETIVA E SOCIAL NAS RELAÇÕES
FAMILIARES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação de Licenciatura em
Letras/Português do Instituto Federal de
Alagoas, Campus Maceió, como requisito parcial
para obtenção de grau de Licenciatura em
Letras/Português.

Orientadora: Prof.^a Dra. Willianice Soares Maia

MACEIÓ

2025



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal de Alagoas
Campus Maceió
Biblioteca Benevides Monte

801.95
R696i

Rodrigues, Vanderson Alves.

A infância silenciada na obra *Grande baú, A infância*, de Arriete Vilela [recurso eletrônico] : repressão simbólica, afetiva e social nas relações familiares / Vanderson Alves Rodrigues. – Dados eletrônicos (1 arquivo : 790 KB). – 2026.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: Internet.

Orientação: Profa. Dra. Willianice Soares Maia.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Português) – Instituto Federal de Alagoas, *Campus Maceió*, Maceió, 2026.

1. Letras – Português. 2. Literatura infantil. 3. Infância – Memória. 4. Desigualdade de gênero. 5. Relações familiares. 6. Silenciamento. I. Título.

Franciane Monick Gomes de França
Bibliotecária – CRB 4/1831


VANDERSON ALVES RODRIGUES

A INFÂNCIA SILENCIADA NA OBRA *GRANDE BAÚ, A INFÂNCIA*, DE
ARRIETE VILELA: REPRESSÃO SIMBÓLICA, AFETIVA E SOCIAL NAS RELAÇÕES
FAMILIARES

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação de
Licenciatura em Letras/Português do
Instituto Federal de Alagoas, Campus
Maceió, como requisito parcial para
obtenção de grau de Licenciatura em
Letras/Português.

Aprovado em 11 de 02 de 2026.


Orientador:

Documento assinado digitalmente
 WILLIANICE SOARES MAIA
Data: 18/02/2026 21:17:16-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Willianice Soares Maia


Profa. Dra. - IFAL / Campus Maceió

Banca examinadora:

Documento assinado digitalmente
 EMANUEL MARCELO SALGUEIRO DA SILVA
Data: 27/02/2026 14:41:35-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Emanuel Marcelo Salgueiro da silva

Prof. Me. – IFAL / Campus Maceió

Documento assinado digitalmente
 JOSE CARLOS LIMA DOS SANTOS
Data: 18/02/2026 21:25:51-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

José Carlos Lima dos santos

Prof. Dr. – IFAL / Campus Maceió

“Os homens que não têm humanidade ou a perdem não podem aproximar-se do povo.”

Paulo Freire (2022, p. 112)

RESUMO

A infância é uma fase fundamental para a formação do sujeito. Cheia de liberdade, subjetividade e do lúdico, ela tende a trazer felicidade para as crianças. Entretanto, nem tudo pode ser o que parece. A infância também pode ser carregada de silenciamento e opressão. A obra *Grande baú, a Infância* de Arriete Vilela, repleta de regionalismo, carrega uma forte realidade da vida infantil, por isso buscamos neste trabalho analisar os impactos que esse tipo de estrutura familiar, patriarcal, afetam. Foi utilizado neste trabalho uma abordagem de análise crítica de materiais bibliográficos com teor qualitativo. Para isso, dialogaremos com teóricos importantes como Freire (2022) que fala sobre a opressão, está que é presente em nossa história; Caldeira (2010), Cademartori (2010), que trazem em seus textos a perspectiva da infância nos tempos de hoje; Sarmiento (2003) que traz uma visão sobre o imaginário infantil; Qvortrup (2010) que trabalha a estrutura familiar; entre outros temas como memória e desigualdade de gênero, que também são fundamentais para entender o poder que a sociedade machista-opressora tem ainda de moldar as mentes, principalmente das meninas. Ao trabalharmos com este texto podemos ver como a infância ainda é subjugada pela sociedade que procura a dominar, moldar e podar os desejos infantil desde cedo, para que, ao trazer essas questões, possamos fazer reflexões e discussões sobre se estamos procurando e criando uma sociedade igualitária para todos. Seria imprescindível que os temas aqui presentes, e também na infância em geral, recebam uma atenção maior dos agentes da sociedade, pois é nessa fase que o sujeito começa a entender como as coisas funcionam e procura moldar a sua própria identidade.

Palavras-chave: Literatura infantil; infância; memória; Arriete Vilela; silenciamento.

RESUMEN

La infancia es una fase fundamental para la formación del sujeto. Llena de libertad, subjetividad y lo lúdico, tiende a traer felicidad a los niños. Sin embargo, no todo puede ser lo que parece. La infancia también puede estar cargada de silenciamiento y opresión. La obra Grande baú, a Infância de Arriete Vilela, repleta de regionalismo, conlleva una fuerte realidad de la vida infantil, por lo que buscamos en este trabajo analizar los impactos que este tipo de estructura familiar, patriarcal, provoca. Se utilizó en este trabajo un enfoque de análisis crítico de materiales bibliográficos con tenor cualitativo. Para ello, dialogaremos con teóricos importantes como Freire (2022) que habla sobre la opresión, la cual está presente en nuestra historia; Caldeira (2010), Cademartori (2010), que traen en sus textos la perspectiva de la infancia en los tiempos de hoy; Sarmiento (2003) que trae una visión sobre el imaginario infantil; Qvortrup (2010) que trabaja la estructura familiar; entre otros que abordan temas como la memoria y la desigualdad de género, los cuales también son fundamentales para entender el poder que la sociedad machista-opresora tiene todavía para moldear las mentes, principalmente de las niñas. Al trabajar con este texto podemos ver cómo la infancia sigue siendo subyugada por la sociedad que busca dominarla, moldearla y podar los deseos infantiles desde temprano, para que, al traer estas cuestiones, podamos hacer reflexiones y discusiones sobre si estamos buscando y creando una sociedad igualitaria para todos. Sería imprescindible que los temas aquí presentes, y también en la infancia en general, reciban una mayor atención de los agentes de la sociedad, pues es en esta fase que el sujeto comienza a entender cómo funcionan las cosas y busca moldear su propia identidad.

Palabras clave: Literatura infantil; infancia; memoria; Arriete Vilela; silenciamiento.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
2.1 A INFÂNCIA NA LITERATURA BRASILEIRA.....	11
2.2 MEMÓRIA INDIVIDUAL E MEMÓRIA COLETIVA.....	13
2.3 A IDENTIDADE EM SUA FORMAÇÃO NA INFÂNCIA.....	14
2.4 O GÊNERO COMO CONSTRUÇÃO DE DESIGUALDADE NO ANTRO FAMILIAR.....	15
2.5 A LITERATURA COMO INSTRUMENTO DE DENÚNCIA SOCIAL.....	17
3. ANÁLISE DA OBRA GRANDE BAÚ, A INFÂNCIA.....	19
3.1 – LAVAR, ESSA É A SUA OBRIGAÇÃO.....	20
3.2 – DO SONHO À VEXAÇÃO (TEXTO 5).....	24
3.3 – AS VONTADES NEGADAS, A VOZ SILENCIADA: ONDE FICA O DESEJO INFANTIL? (TEXTOS 7, 8 E 9).....	30
3.4 – MANIPULAÇÕES: A INFÂNCIA SENDO UM INSTRUMENTO PARA OS SEGREDOS DOS ADULTOS.....	35
3.5 – O SILÊNCIO DOS AFETOS: A AUSÊNCIA DE ACOLHIMENTO NOS TEXTOS 2 E 3 DA PARTE 2.....	38
3.6 – O APRISIONAMENTO SIMBÓLICO: A LIBERDADE MANIPULADA NO TEXTO 7.....	42
3.7 – UMA CRIANÇA, VÁRIOS ADULTOS: O PREÇO QUE GESTOS OPRESSORES DEIXAM NA INFÂNCIA NOS TEXTOS 9 E 10.....	45
3.8 – QUANDO O MEDO TOMA CONTATA, ELE ADOECE E O AFETO, ENFIM, PODE CHEGAR.....	48
3.9 – REALIDADE E FANTASIA: QUANDO O MEDO E TRAUMAS DO PASSADO TRANSFORMAM ATÉ O IMAGINÁRIO INFANTIL (TEXTO 13).....	50
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS.....	57

1. INTRODUÇÃO

Um livro infantil nem sempre é um conto de fadas como a grande carga que encontramos nos acervos diários. Quando falamos sobre literatura infantil, a nossa mente remete a livros como *Cinderela*, *Rapunzel*, *Chapeuzinho vermelho* ou até mesmo as histórias da *Turma da Mônica* que são repletas de aventuras, desventuras e brincadeiras. Porém, que no final sempre tem aquele final feliz para todo leitor encher o coração. Entretanto, este não é o cenário que presenciamos na realidade, no convívio do meio de nossa sociedade, rica em culturas.

Quando nos deparamos com um texto de teor regional, a realidade da infância toma conta do cenário, mostrando como a sociedade de fato trata e convive com a infância, que é uma fase cheias de descobertas, sonhos, mas que também é uma fase coberta de fragilidades, onde a criança começa a entender e moldar suas características. É nesse viés que encontramos e debateremos a obra *Grande baú, a infância*, da escritora alagoana Arriete Vilela.

Nele a autora rememora a sua própria infância, que é a realidade de muitas crianças da sociedade nordestina, principalmente de classes mais vulneráveis, por meio de textos que mesclam o lirismo, mas que também denunciam como os adultos realmente tratam os “adultos em miniaturas” que as rodeiam. Silenciamentos, repressões e responsabilidades precoces são alguns dos temas que rodeiam essa realidade, trazendo à tona uma vulnerabilidade social para a infância, que é marcada sem direitos ou desejos infantis.

É por meio de uma linguagem simples que a autora busca evidenciar esses temas importantes, marcando uma sensibilidade voltada no regionalismo. Vilela nos leva ao universo das memórias de uma criança solitária, entretanto, é evidente que essas memórias estão longe de serem individuais e a memória coletiva se torna uma visão central para desmascarar a desigualdade em todos os segmentos sociais.

A justificativa para o tema se da na importância de discutir como a infância é representada nos contextos periféricos e como isso implica para que os leitores tenham uma leitura crítica sobre elas. Analisar a obra de Arriete Vilela é também um meio de valorizar as produções regionais que só ampliam e enriquecem o repertório literário alagoano, para podermos compreender como outras infâncias brasileiras são perturbadas, invisibilizadas e impedidas de serem quem devem ser, crianças.

Esse trabalho pretende identificar a representação da infância que *Grande baú, a infância*, de Arriete Vilela, retrata para que possamos analisar, sob uma perspectiva crítica e

debater os aspectos sociais, familiares e simbólicos que marcam a realidade da protagonista. Buscaremos, também, identificar os elementos que compõem a memória na narrativa; verificar o papel da família sobre a protagonista; e compreender a linguagem e a ambientação que constituem essa infância.

A metodologia utilizada será qualitativa, com uma perspectiva bibliográfica e analítica. Utilizaremos teorias sobre a infância, memória, subjetividade, desigualdades e a literatura brasileira, para trazer uma leitura atenta e interpretativa da obra de Vilela, trazendo um destaque para os capítulos que trazem uma dinâmica familiar mais simbólica e fundamentais para nossa personagem.

Além da introdução, este trabalho se estruturará em três capítulos: fundamentação teórica, análise da obra e considerações finais. No primeiro capítulo retrataremos os principais conceitos e debates sobre a infância, trazendo também as relações sobre memórias individuais e coletivas que são um tema importante para esta obra. Já no segundo capítulo, apresenta-se a análise em si da obra literária, onde focaremos em destrinchar os episódios mais importantes que marcam a infância de nossa protagonista. Por fim, o capítulo das considerações finais trará o impacto que essa narrativa exerce na formação crítica do leitor e sua relevância para a literatura.

É com esses temas que pretendemos, por meio da análise da obra, provocar reflexões acerca do papel da criança e seu lugar na sociedade, atentando aos contextos de vulnerabilidade e repressão familiar que estão inseridas. Buscar trazer o papel da literatura, que nesse sentido é uma ferramenta essencialmente potente para fornecer a empatia, crítica social e valorização de vozes que historicamente são tão silenciadas por uma sociedade marcada pelo patriarcado. Vilela, ao colocar a infância como centro de seu livro, nos convida não só a rever as memórias de uma única garota silenciada pela opressão, mas também nos convida a revisitar as nossas próprias memórias para compreender o que de fato é ser criança nessa sociedade que na maioria das vezes não permite a existência da palavra infância, que deveria significar floresça com liberdade.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A infância é uma fase essencial para a construção de identidade e subjetividade do sujeito. Ela tem sido tratada pela literatura como um campo onde os autores exploram o espaço de formação, da memória e das experiências que marcam os indivíduos. Na literatura brasileira, por exemplo, a infância tratada em obras de cunho regional ou memorialista tem adquirido uma simbologia marcante que enlaçam o indivíduo, podendo revelar alguns traços de um cotidiano mascarado pela sociedade. É nessa vertente que a obra de Arriete Vilela, *Grande baú, a infância*, entra no contexto regional e memorialista, denunciando uma cultura patriarcal, onde a opressão reina, mostrando que os seres da sociedade acreditam que tem domínio daqueles que acham serem inferiores a eles.

A narrativa também apresenta a infância de uma protagonista mirim como ela realmente foi, circulada em imposições sociais, regrada por tensões familiares e, acima de tudo, com o cancelamento do imaginário lúdico da infância. Isso é um dos reflexos que ainda estão presentes em nosso lares da sociedade brasileira, principalmente quando voltamos para as classes que têm recursos mais limitados.

Para compreender essas questões, buscamos discutir conceitos que ajudaram na análise literária da obra. São autores como Manuel Pinto (1997) que fundamenta a infância como uma construção social; Bianca Caldeira (2010) e Rodrigo Cunha (2024), que traz o conceito da infância no decorrer da história; Sarmiento (2003) que aborda o imaginário infantil; Freire (2022) que fala sobre opressão. Abordaremos também o tema memória que irá ajudar a construir a identidade da protagonista que busca por pertencimento em seu eixo familiar e também social.

2.1 A INFÂNCIA NA LITERATURA BRASILEIRA

Quando falamos sobre literatura infantil, pensamos logo em contos de fadas, rei, rainhas, príncipes, ou uma aventura cheia de magia. Santos e Silva (2018, p. 799) quando fala sobre “o imaginário ocidental, sobretudo o brasileiro, construiu e vende uma ideia de infância que destoa por completo da realidade em que vivemos”. Isso é como algo além da realidade, tirar o foco para o que realmente acontece. Porém, nem todas as obras são assim.

Vários autores brasileiros procuraram retratar, em suas obras, a regionalidade nacional, mostrando o cotidiano brasileiro, sobre tudo os das crianças. Entretanto, muitas das

vezes algumas obras não são consideradas para as próprias crianças, como *Capitães da areia* de Jorge Amado, que retrata a vida de um grupo de menores no crime. Esse tipo de obra, mesmo tratando de crianças ou adolescentes, é voltado mais para o público adulto por se trata de uma denúncia social mais complexa.

Mas é aqui que encontramos um foco fora do encantamento infantil que a maioria dos textos infantis querem nos passar, uma ideia de que a vida na infância é somente magia, alegria, lúdico e felicidade. Muitos autores também tiveram um interesse crescente em apresentar, não só para os adultos, como também para a infância, textos onde a realidade infantil é retratada, pois é nessa época que se constrói a identidade e analisar esses textos, não só estamos analisando a obra em si, como também as visões individuais de cada autor, isso nos retoma a visualizar como cada sociedade se estrutura e se culturaliza em cada determinada época, para assim, talvez, fazer uma comparação com nossa época atual. É com essa visão que percebemos que a literatura construiu e constrói um mapa sobre os desafios vivenciados pelas crianças, não somente criado por outras crianças, mas também pelos adultos que as deviam proteger.

Ao retornamos o texto de Santos e Silva (2018, p. 799) entendemos que a imagem que a infância tem na literatura “é baseada em um princípio de felicidade, em uma fase da plenitude.” Porém, “é possível perceber uma ausência de representação da infância negra na literatura brasileira, e quando aparece alguma representação infanto-juvenil vem sempre marcado por algum tipo vulnerabilidade social e econômica.” (SANTOS E SILVA, 2018, p. 799)

Esse seria o caso do livro de Walcyr Carrasco, *Irmão negro*, um ótimo livro, por sinal. Entretanto, como falado por Santos e Silva, a representatividade negra está voltada a narrativa de vulnerabilidade social, e nesse livro também encontramos um jovem negro que tinha uma vida vulnerável socialmente e agora, morando com um irmão branco, em uma sociedade “branca”, carrega as dores de seu passado conturbado e ainda precisa viver com as marcas do preconceito.

Esse exemplo é um começo fundamental para leitores mirins, pois mostra que nem toda a realidade é voltada por magias e o livro de Arriete Vilela nos enlaça nessa perspectiva, porém retratando a vida de uma protagonista feminina, regada por regras ultrapassada em que um ser é dominante do outro.

“A infância é também percebida como período de fragilidade moral, durante o qual o mal pode florescer com facilidade. Cabe ao adulto cuidar para que os bons valores

prevaleçam sobre os instintos nefastos à formação moral da criança[...]” Gouvêa (2007, p. 3) Ao olharmos esses textos fica claro que a literatura pode ser mais abordada por temas que retratam o cotidiano infantil, mostrando para nós leitores como de fato as sociedades brasileiras tratam as suas crianças, pois é isso que o livro *Grande baú, a infância* retrata, uma sociedade opressora e regrada por preceitos antigos onde o poder domina em cima dos mais fracos socialmente.

2.2 MEMÓRIA INDIVIDUAL E MEMÓRIA COLETIVA

Trabalhar com a memória foi um dos elementos mais fortes na construção narrativa de o *Grande baú, a infância*. Vilela nos trouxe lembranças que aprofundam a infância para dar voz a dor pertencente a muita gente. Ao vivenciar o cotidiano infantil, a autora também evoca uma forma de resistência à opressão vivida outrora.

Rios (2013, p. 5) afirma que “a memória individual está contida no conjunto maior da memória coletiva, sendo apenas um fragmento ou uma visão parcial dos fatos vivenciados pelo grupo.” Nesse sentido, podemos apontar que a memória da protagonista é individual, pois está contida dentro dela, mas ela é compartilhada por um grupo social que a torna também uma memória coletiva. “Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros[...]” (HALBWACHS, 2006, apud RIOS, 2013, p. 5). Halbwachs aponta que as lembranças permanecem coletivas quando são lembradas por outros que a reafirmam. A cena da menina tendo que lavar os pratos ou até sendo repreendida por brincar, são cenas que uma sociedade pode reafirmar, pois compartilhar as mesmas cenas quando eram crianças. Isso é um modelo familiar que se repete em ciclos nas comunidades mais populares, principalmente no Nordeste brasileiro.

Rios (2013, p. 6) também fala que “na concepção de Halbwachs, a memória pode ser entendida como uma re-construção do passado realizada com o auxílio de dados do presente.” Ao retratar essas cenas, a autora não está somente rememorando, mas também está reinterpretando os episódios sobre uma nova perspectiva. O “peixe miserável” e a mãe a observando constantemente, é uma forma de denunciar silenciosamente o quanto alguns modelos educacionais são regradados no autoritarismo e na negação do afeto e carinho.

Para Pollack (apud RIOS, 2013, p. 10) a memória está sempre num processo de reinterpretação e mudanças, como construção social ela é uma “reconstrução do passado realizada a partir dos interesses e preocupações dos grupos e indivíduos no presente”. É

evocando a ciranda que Arriete Vilela denuncia que na infância a criança também é cheia de restrições, onde os pais podem reprimir os sonhos dos filhos, retirar os seus desejos e proibi-los de brincar e imaginar. É na casa que a autora deseja a proteção que nunca teve, mas que vira um símbolo de controle e negação da infância.

A memória compartilhada na obra explora mais que lembrança pessoal, ela é um encontro entre o autor e o leitor que se identifica com uma infância parecida, que transforma e marginaliza a infância e silencia crianças que estão em lares onde a opressão vive.

2.3 A IDENTIDADE EM SUA FORMAÇÃO NA INFÂNCIA

Pensar em infância é também pensar na construção de identidade, aquela etapa em que o ser humano começa a aprender e moldar as suas percepções de vida. É aqui que o sujeito começa a ter suas experiências sociais, culturais e afetivas que podem ser as mais profundas e que ficam marcadas para sempre.

Ao analisar essa obra fica evidente que a identidade da protagonista é constantemente moldada por aqueles que acreditam ter controle sobre ela. A criança é submetida desde cedo as normas que determinam o seu papel social e afazeres que a colocam em uma posição além do que ela é, uma criança. Isso deixa claro que essa forma de estrutura familiar tem uma papel chave na forma como a criança compreende o mundo em que vive e, conseqüentemente, visualiza a sua posição dentro dele.

“O conceito de infância está atrelado ao contexto sócio-histórico-cultural em que os indivíduos estiveram inseridos, foram bastante diversificados durante a história e reflete os valores presentes na sociedade em diferentes períodos.” (CUNHA, 2024, p. 149) A infância nesse sentido, para os adultos, é tratada somente como um período de imposições de valores, em que eles devem impor os seus valores, sejam eles culturais, econômicos ou ideológicos. Na obra de Vilela não é diferente. A protagonista tem sua infância reprimida e minguada. O espaço onde o lúdico, a subjetividade, a imaginação e a espontaneidade deveriam existir, são substituídos pela obediência, pelo dever, pelo silêncio, e pelo medo, que a tornam uma criança fragilizada e submissa.

A escrita de Arriete, então, se coloca em um papel que usa da literatura um local onde pode descrever hábitos de dominação, revelando que a infância, na estrutura familiar patriarcal, não tem direito a brincar, a imaginar ou até sequer um afeto dos pais. Esse livro, portanto, é usado como uma ferramenta que mostra como a menina aprende a não questionar

ou não desejar, e sim silenciar-se, negando os seus próprios princípios para viver numa sociedade opressora. Quando ela é obrigada a ter que fazer tarefas domésticas, que seriam de adultos, ao invés de brincar na praça com as outras crianças, ou quando ela deseja um simples limão, mas isso toma consequências infundáveis por conta da crueldade adulta, podemos dizer que aos poucos a identidade dela está sendo moldada para que ela cresça de forma rápida, pois isto corrompe sua forma livre, espontânea e autêntica de ser uma criança. Ela passa a pensar mais sobre se deve ou não fazer isso, ou aquilo que deseja. Ela está aprendendo, cedo demais, que o seu lugar não deve ter a liberdade de ser criança como as outras e que o papel da mulher, que ela irá ser, é ser submissa.

Pinto (1997, p. 33) afirma que “uns valorizam aquilo que a criança já é e que a faz ser, de facto, uma criança; outros, pelo contrário, enfatizam o que lhe falta e o que ela poderá (ou deverá) vir a ser”. Vilela, ao narrar o “*Grande baú*” está descrevendo, e denunciando, que muitas famílias vêem seus filhos e os educam os preparando para as funções que exerceram posteriormente na vida adulta, eles aplicam às crianças responsabilidades e restrições.

Percebemos que a criança da narrativa vem tendo sua identidade moldado por conceitos de gênero, classe social e regionalismo que a ensinam somente a servir, obedecer e ficar calada.

2.4 O GÊNERO COMO CONSTRUÇÃO DE DESIGUALDADE NO ANTRO FAMILIAR

Ao olhar a construção dos contos contidos no livro *Grande baú, a infância* percebemos algo comum no cotidiano infantil da personagem. Desde cedo, ela é exposta à desigualdade contida no gênero imposta de forma arbitrária pela sociedade. Essa parte ainda persiste naturalmente em algumas famílias da sociedade, é algo que se introduz de forma simbólica nas relações. Na obra a menina é constantemente colocada em um papel de desigualdade pelos familiares, sejam eles pais ou irmãos.

Vale ressaltar também que o tratamento dado a uma criança do sexo masculino era, em muitos casos, diferente do tratamento recebido por uma criança do sexo feminino, pois “as meninas costumavam ser consideradas como o produto de relações sexuais corrompidas pela enfermidade, libertinagem ou a desobediência a uma proibição” (HEYWOOD, 2004, p.76). E sendo assim, a celebração do nascimento de uma criança se diferenciava de acordo com o sexo da mesma. Um exemplo é a Bretanha do século XIX, em que a chegada de uma criança do sexo masculino era saudada com três badaladas de um grande sino, enquanto a chegada de uma criança do sexo feminino era saudada com apenas duas badaladas e de um sino pequeno. (CALDEIRA, 2010, p. 2)

Esse fato é lembrado muitas vezes, pois sabemos que, principalmente em classes mais altas, as mulheres não tinham nenhum direito à educação no Brasil no período colonial, salvo cuidados com o lar. A educação era livre para o sexo masculino, já que desde outrora eles se viam como dominantes em todos os aspectos, principalmente sendo de etnia branca.

O que vemos nesse livro é uma família que ainda carrega esses traços de uma estrutura patriarcal, onde a jovem é, desde a infância, ensinada de que seu lugar é dentro de casa, cuidado do lar. “ — Quem mais, ô sua peruazinha, quem mais a não ser a tua mãe, que passa a noite quengando e não vê o filho pequeno sair pra rua sem o sol nascer direito?” (VILELA, 2003, p. 26) A obrigação de cuidar dos filhos é somente da mãe e o pai deixa claro em sua construção social. Ele é o que tem obrigação de sustentar a família, já que é homem, e a mulher cuidar do lar, segundo esse modelo familiar. Nas maiorias das cenas a desigualdade se coloca de forma sutil, pois essa é o segredo da literatura e é exatamente assim que funciona na maioria dos casos na realidade. A menina tem obrigações com a casa, enquanto não vemos nenhum dos irmãos, inclusive, no mínimo, um deles sendo maior que ela, tendo obrigações domésticas. Ela é colocada a lavar pratos, cuidar do irmão mais novo que foi sozinho atrás do pai, “dá sentido na casa”.

Paulo Freire, afirma em seu livro *Pedagogia do Oprimido* que “quem inaugura a tirania não são os tiranizados, mas os tiranos.” (2022, p. 58) Isso explica a forma como a menina é tratada, principalmente pelos pais, desde o começo do livro. Ela é tratada com tirania, com opressão, com desamor, violência, entre outros. A mãe vigia ela fazendo as tarefas e o pai desconta sua raiva nela. Estes são mecanismos muito utilizados pela estrutura patriarcal onde o desamor e a desigualdade reinam entre os familiares, os filhos são ensinados a saber quem reina e quem não reina dentro da sociedade.

Por que vemos os pais a tratando com essa crueldade, ou o irmão a ridicularizando por cantar para as galinhas? É uma forma de “cortar pela raiz” qualquer tipo de desejo que a menina possa ter, ela é negada a ter uma infância por completo, proibida a brincar, imaginar, desejar, ou até dormir, de ter uma subjetividade. Isso ajuda na forma de controle que o homem tem sobre o corpo e os desejos femininos.

“A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão sexual do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no próprio lar, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, as atividades, o ano agrário, ou o ciclo de vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos.” (BOURDIEU, 2024, p. 24)

Ao usar esses mecânicos de dominação em seu livro a autora buscou ser autêntica sobre o regionalismo em que viveu. Ela buscou apresentar os fatos de acordo como aconteceram, sendo realista e fiel o mais possível para retratar lembranças que a perseguem até hoje e que são compartilhadas entre várias mulheres do Brasil. Essa dominação que a protagonista sofreu procurou roubar sua identidade e conseqüentemente criar uma nova sob a sombra dominadora do medo e da opressão.

Ao ver a cena dos pratos, onde a menina é obrigada a trabalhar e somente escutar outras crianças brincando, somos colocados sobre a reflexão de que aquela rotina não é somente algo corriqueiro e prático da vida família e sim algo mais simbólico, pois é ali que a menina está, aos poucos, aprendendo o seu lugar no mundo. Ela aprende que seu papel está ligado ao serviço e o prazer tem que ser deixado de lado.

“Diante da situação de violência e da invisibilidade da violência homofóbica e diferentes percepções, Vieira(2011) aponta que a violência de gênero deveria ser considerada com um conceito mais amplo, englobando mulheres, crianças, adolescentes de ambos os sexos e pessoas que não possuem orientação sexual heterocentrada. Pois, a violência de gênero que envolve o meio intrafamiliar, doméstico e sexual deve ser entendida em um contexto de relações de poder entre os sujeitos.” (MATTOS, 2015, p. 275)

Essa violência simbólica ou física é o resultado de uma visão distorcida e doente de que as meninas, ou mulheres, são inferiores do que os homens em todos os aspectos. Esse fato também era aprovado e incentivado pela igreja cristã, que deu todo aval de poder ao homem, resultando em calamidades históricas. Isso tudo ajudou para que a infância feminina tivesse uma difusão no afeto em que as meninas recebiam, ou seja, que não recebiam, pois como vemos no livro de Arriete, a protagonista recebia o contrário do afeto, ela era silenciada.

Ao recuperar essas memórias fortes, a autora está revelando que a infância também carrega as dores da desigualdade, que não esta somente na vida adulta. A criança também é um ser sujeito aos traumas que a sociedade impõem aos sujeitos que consideram inferiores e ao pegar o livro de Arriete Vilela, conseguimos nos identificar em cada cena narrada. É nessa parte que a literatura funciona como um mecanismo que pode romper práticas ultrapassadas e nos levar a um mundo que Freire (2022) nos induz, um mundo de amor, liberdade e, acima de tudo, igualdade e equidade.

2.5 A LITERATURA COMO INSTRUMENTO DE DENÚNCIA SOCIAL

A literatura é um espaço amplo de conhecimento, ela pode e tem um poder fundamental em guardar a cultura de uma civilização. Usar a literatura como porta de

revelação é somente uma das várias coisas que o ser humano pode fazer para se questionar sobre suas práticas de estruturação social.

Ao encontrarmos uma obra tão grande como essa de Arriete Vilela, é saber que a literatura ainda tem um espaço fundamental em nossa constituição. Pois, ela nos traz uma denúncia forte sobre como a infância ainda é tratada. Quando a autora usa da memória para tratar das relações, familiares e de gênero, ela está traçando e abrindo um espaço de resistência contra a violência simbólica que as meninas sofrem desde pequena, ela usa da escrita uma ferramenta de denúncia contra a injustiça, o silenciamento e a opressão que circular o antro familiar.

Quantas crianças são obrigadas a ficar em casa fazendo os afazeres domésticos, sendo pequenas demais para isso? Quantas brincam com um animal preso em uma corda ou uma linha? Quantas são espancadas pelas consequências de atos dos adultos? Ao usar as suas próprias memórias, Arriete não só está trazendo à tona a forma como foi criada, mas também está compartilhando uma memória coletiva que faz os leitores sentirem empatia e refletir sobre atos retrógrados, refletir se realmente estamos agindo de forma igualitária com todos na sociedade. A autora usa da literatura para reinterpretar uma trajetória que não é única, mas que carrega sentimentos coletivos para trazer a reflexão crítica dos leitores sobre essa cultura de apagamento social.

Ler esta obra, portanto, é olhar por outros olhos e enxergar que a literatura não é somente a beleza de uma aventura de contos de fadas onde o príncipe salva uma princesa em apuros. A literatura é um olhar para o passado, mas que carrega uma verdade que nos coloca em reflexão para mudar o nosso futuro e poder transformar a sociedade em algo mais igualitário.

3. ANÁLISE DA OBRA *GRANDE BAÚ, A INFÂNCIA*

Grande baú, a infância, é uma obra da autora alagoana Arriete Vilela. Ela carrega textos de uma narrativa memorialista que nos faz perceber, por mais que a escrita contenha uma gama de sensibilidade e dureza que fazem o leitor se emocionar, como de fato as infâncias, principalmente para as meninas, são vividas no nordeste brasileiro, com foco no interior de Alagoas, cuja é a terra de vivência da nossa protagonista e da própria autora. É através dessa sensibilidade que a autora busca da voz a infância de uma protagonista mirim, que através das memórias revisita o seu passado, marcado por silenciamentos. Arriete nos mostra que a infância não é somente aquela liberdade ou alegria, ou imaginação que vemos em muitos livros sobre crianças, ela escancara para a sociedade como de fato uma menina, de classe baixa, é tratada não somente pelas próprias infâncias, mas, em fundamental, pelos entes que deveriam a dar mais proteção. Trabalho doméstico, violência, vigilância constante, exposição e supressão de desejos são alguns dos atos mais marcantes nessa narrativa.

O texto destaca-se pela sua simplicidade formal, Vilela buscou, nesse livro, trazer uma escrita mais enxuta que procura reproduzir a própria criança que narra escrevendo o livro. Em cada episódio a autora apresenta a memória individual da protagonista, mas isso é somente uma máscara para uma memória que é compartilhada coletivamente por várias crianças, e adultos, da nossa sociedade. A desigualdade, a opressão é temas abundantes aqui e são compartilhados com um silenciamento crescente, uma ausência de espaço de escuta e da subjetividade infantil, até que tudo se esgote e se misture, realidade e imaginação. Ao narrar essas cenas que fazem parte de um cotidiano, que se pode dizer comum, a autora faz uma denúncia poderosa que é apresentada de uma forma silenciosa e um pouco sutil de como a infância feminina que a cada gesto reprimida e moldada para a subjugação na estrutura familiar patriarcal.

Este capítulo buscará analisar episódio fundamentais para essa formação subjugada na obra, identificando como Arriete usa a linguagem e os símbolos para apresentar conflitos internos que surgem na negação da infância, que é um tempo legítimo para a liberdade da imaginação. Daremos voz não somente a construção da subjetividade da personagem, mas a “violência simbólica” e a opressão que são presentes em cada um dos ambientes apresentados. E também em como a memória usa a literatura para exercer um papel de resistência a atos que não deveriam hoje existir e ficar no passado.

3.1 – LAVAR, ESSA É A SUA OBRIGAÇÃO

Ao fundo uma cantoria inocente, à frente a obrigação de deveres domésticos impostos a uma criança. O livro *Grande baiú, a infância*, de Arriete Vilela, se divide em duas partes, com a primeira nomeada por “Cirandinha”. Uma brincadeira infantil que nos remete a alegria e liberdade.

Em seu primeiro capítulo, intitulado “Texto 1”, Vilela nos apresenta a inocência dessa brincadeira, porém logo nos remete a realidade cotidiana que muitas famílias são instruídas e instruem as crianças desde cedo, obrigações domésticas. Entretanto, o modo como a cena se segue é completamente fora da simplicidade e liberdade. A autora buscou apresentar aos leitores como de fato é a realidade da infância feminina marcada por uma cultura voltada a opressão. Esse episódio é por si só marcante não só para a criança inserida nesse contexto, mas também para nós meros leitores que se identificam de alguma forma com esse tipo de prática abusiva. Esse texto é fundamental para abrir-nos os olhos sobre práticas que se estruturam em uma cultura patriarcal que silencia cada vez mais os desejos contidos dentro do ser.

O “Texto 1” é apresentado e escrito por uma menina de classe baixa. A mesma está na cozinha de sua casa e inveja-se pelo fato de que, da praça, a alegria chega a seus pequenos ouvidos. “Da praça a canção me chega. Alegre vem, alegre se torna, risos lá entremeada. Ir não posso.”(VILELA, 2003, p. 7) A canção em questão é “*Ciranda, cirandinha*”, que a tenta dominar, mas que logo é constantemente reprimida. Ir, a menina não pode ao encontro da desejada brincadeira, pois a obrigação de lavar os pratos de uma janta a base de peixe foi imposta a mesma, tarefa essa que não é tão simples. O peixe, como descrito do texto, deixa um cheiro na louça que não basta somente o limão. “— Limão, passo? / — Não basta. / — Como lavo? / — Sabão muito, uma vez e outra.” (VILELA, 2003, p. 7)

No texto, podemos ver também uma breve descrição da realidade social em que a garota se insere, mas com uma rica carga poética. “Miuda, num tijolo subo para melhor alcançar as bacias no jirau postas, feito, ele, na puxada da cozinha por dois candeeiros clareada.” (VILELA, 2003, p. 8) Um retrato comum das classes mais vulneráveis. A mãe, no comodo ao lado, supervisiona todo o trabalho da menina enquanto sua máquina de costura funciona ativamente na fabricação de peças encomendadas para o fim de ano. Mais um resquício de que o trabalho manual é utilizado durante a noite para aumentar a renda familiar.

É nesse vai e vem que a jovem está inserida, um contraste entre o lúdico e os afazeres domésticos que constroem uma rica imagem carregada de poder. Arriete buscou

representar o mundo exterior como palco do desejo para a criança, a liberdade que ela poderia ter e o que ela mais precisava, a infância. Enquanto do outro lado estava o mundo “interno” dela, o mundo doméstico, vivido em quatro paredes, onde o mundo exterior não entra e não reconhece o que está sendo vivido ali dentro: a obrigação, o controle, a opressão, a violência, física e simbólica, e o silenciamento daqueles mais vulneráveis.

“[...] eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas das comunicação e do conhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento.” (BOURDIEU, 2024, p. 12). Como descreve Bourdieu, a violência simbólica é feita através do reconhecimento ou do sentimento, sentimento esse que é reprimido, contido. O desejo de estar na praça brincando de ciranda com as outras crianças é uma fantasia que fica contida no subconsciente infantil, um prêmio recebido caso a menina termine a tarefa corretamente, sem deixar nenhum cheiro de peixe nos pratos. Vilela apresentou uma cena que reconhece primeiramente o simbolismo vivido pela criança. Ordens primeiro têm de ser cumpridas para depois vim a brincadeira.

É evidente o quanto a simbologia do medo da repreensão já está agregado na consciência da menina que busca de todas as formas livrar os pratos do cheiro da comida que antes amara e deleitava-se, mas que agora odeia por conta de uma tarefa. A cena nos revela também como a dominação se perpetua desde cedo no antro familiar. Uma criança do sexo feminino é ensinada desde cedo a servir, tratar dos afazeres domésticos. “As mulheres logo ficaram exclusas do sistema escolar estabelecido na colônia. Podiam, quando muito, educar-se na catequese. Estavam destinadas ao lar: casamento e trabalhos domésticos, cantos e orações, controle de pais e maridos.” (STAMATTO, p. 2). As mulheres desde cedo eram orientadas e ensinadas a servir domesticamente, cuidando dos serviços voltados ao lar e aqui não é diferente. Arriete nos apresenta que os resquícios da dominação patriarcal ainda existem nos dias de hoje, pois esse tema, por mais que seja memorial, é atemporal.

No texto é apresentado e imposto à criança a lavagem dos pratos e a ajuda na construção das roupas: “—Mãe, deixa eu brincar de roda na praça? / - Depois dos pratos lavados? / — Sim, mãe. / — E volta logo pro chuleio? / — Logo, mãe.” (VILELA, 2003, p. 8) A criança é ensinada a ser obediente, a servir antes de tudo o que deseja. A infância nesse sentido é silenciada, a criança se sufoca e redireciona a sua angústia no peixe que antes foi um deleite.

Porém, tudo isso ainda não a impede de brincar, de fantasia consigo mesma, em uma linha de imaginação que somente ela poderia chegar. A criança sente que seu trabalho é

exaustivo e angustiante, mesmo sendo tão nova. A brincadeira na praça silencia e ela descobre que o tempo passou, o sabão é somente um taco e o cheio “maldito” continua nos pratos. Um sabonete talvez seja a melhor solução. Ligeira pega o sabonete novinho do banheiro e em meios as espumas cheirosas a garota simplesmente entra em devaneios, brincando, pois “criança sou” e criança ela de fato é.

A simbologia presente aqui nos mostra que a criança nem mesmo se questiona sobre o porquê ela está fazendo aquele serviço. O sentimento simplesmente reconhece aquilo como algo natural e banal.

Freire (2022, p. 82) esclarece aquilo que denomina como “educação bancária”: “na concepção ‘bancária’ que estamos criticando, para a qual a educação é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos [...]”. A criança não pode reconhecer, pois não é imposta a ela esse ato, ela tem somente a obrigação de fazer e, na prática, aprender os valores a ela impostas. Isso é um meio de opressão que o próprio autor também configura. “A situação de opressão em que se ‘formam’, em que ‘realizam’ sua existência, os constitui nesta dualidade, na qual se encontram proibidos de ser.” (FREIRE, 2022, p. 57 e 58). A ciranda simboliza uma infância cheia de música, de movimento e de liberdade; a espuma também simboliza essa infância tão desejosa que a menina busca. Ela tenta se distrair da árdua tarefa concentrando sua consciência na imaginação até ser pega de surpresa pelo ser mais velho.

“Torce-me a orelha a mãe. Susto tenho, e tanto, que na fantasia estava. / — Reinando, sua peruazinha? / — Já acabo, mãe, carece não me bater. / Mas bate. Na cara o sabonete me esfrega, espuma nos olhos me fica, ardem. / — Vai lavar tudo de novo, sua peruazinha, e com sabão. / Tudo de novo. E com sabão.” (VILELA, 2003, p. 9)

A mãe usa da violência para repreender a pobre criança e na concepção patriarcal ensinar a menina a obedecer. Porém, esses atos o que mais causa é o medo na criança, a criança começará a se autorrepreender em tudo e reprimir os desejos para seu íntimo.

A autora busca trazer essa analogia na escrita para mostra como a mente da menina é internamente moldada pelo medo. O corpo da garota fica no automático, lavando os pratos que a ela foi imposto, mas seu imaginário vaga pela imaginação, buscando o lúdico para passar o tempo, mas que logo é repreendido pelo poder da opressão.

Ligia Cademartori (2010, p. 58) fala sobre a língua ser “transparente quando cumpre a função comunicativa de deixar claro o que quer dizer.” Nesse sentido, o texto de Villela é claro, pois ele transmite a função de denunciar as transgressões que um ensinamento arcaico utiliza como ferramentas que somente trazem o medo e a opressão que tanto Freire (2022) criticou, já que, a sociedade ainda não é livre dessas práticas. Isso, em alguns casos, se expandem além do seio familiar, se estendendo a várias castas da comunidade com o intuito

de “ensinar”. É com esse tipo de ensinamento que se perpetua a desigualdade e exclusão na sociedade e Vilela buscou em seu livro mostrar isso ao seu leitor, para denúncia o que muitas crianças vivem e muitas mulheres viveram e carregam as marcas até hoje. “Cirandinha triste no peito. Ainda hoje.” (VILELA, 2003, p. 9)

A narradora, que não mais é uma simples criança, ainda lembra com exatidão o episódio sofrido quando era uma jovem comum. Halbwachs esclarece que:

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque **jamais estamos sós**. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco certa quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 2006, p.30 apud RIOS, 2013, p.5)

A autora buscou compartilhar as suas memórias, já que sabia que essas memórias eram compartilhadas por várias outras pessoas da sociedade brasileira, especificamente as mulheres, pois ao longo do livro é desenvolvido uma forte gama de desigualdade.

Vilela não usou de forma deliberada apresentar o texto com essas palavras em específico. “*Peixe miserável*” ou “*ciranda triste no peito*”, a autora buscou trazer a comoção do leitor para uma violência silenciosa que até a própria criança percebia, mas que não tinha forças e nem podia revidar nos causadores. O peixe, entretanto, vira um alvo de descarrego da frustração que a menina sofria.

Ela procura algo que não é aleatório, pois o peixe é um obstáculo que deixa a tarefa ainda mais difícil e demorado. Ele deixou um cheiro forte, sujou a louca e a dificulta a ir para a praça. Isso se torna um símbolo da condição que o patriarcado impôs a mulher, a menina, que é o trabalho doméstico. O que antes era prazeroso, em pouco minutos se torna algo que destrói a subjetividade da criança e ela passa a xingar o pobre peixe que antes a deixou prazerosa. Não foi à toa que a autora buscou ousar essa inversão, trazer o trabalho ao invés do que deveria ser a infância, onde deveria ter afeto, tem uma vigilância constante e a comida ao invés de alimentar e satisfazer vira uma maldição.

Como Bourdieu (2024) nos apresenta em seu livro, a violência simbólica naturaliza a vítima para não reconhecer os atos de violência como uma opressão discriminada, mas que ela reconhece o desconforto, sente a dor e se incômoda com o mundo ao redor, mas sem a opção de denunciá-la. Nesse texto, é evidente o quando a menina se frustra, porém, permanece em silêncio o tempo todo, já moldada pelo critério da obediência e o medo da violência física.

Vilela nesse texto, usa de simplicidade de pequenos altos silenciosos uma resistência para a criança. Mesmo tendo sua voz abafada, ela ainda procura ser uma criança e

ter um pouco de infância, apesar de atos externos tentarem negar-lhes constantemente os seus direitos. A autora então buscar denunciar a dor e a opressão sofrida pelas meninas através da literatura.

3.2 – DO SONHO À VEXAÇÃO (TEXTO 5)

Encaminhando um pouco o livro, encontramos o Texto 5 e nos deparamos com um episódio, de cara, violento desde o início do capítulo. A menina encontra-se no mundo dos sonhos, devaneando entre uma diversão e outra, pulando por fantasias que a entretém constantemente.

Como o Texto 1, o Texto 5 começa com uma cantiga infantil, “*Atereí o pau no gato*”, e isso se repete em todos os capítulos da Parte 1. Arriete Vilela procurou resgatar uma parte da infância, para que o leitor sensibilize com o mundo que era para ser de todas as crianças. Brincadeiras e liberdade. Entretanto, não é isso que ocorre com essa menina.

Subitamente, em um horário que não é típico para nossa protagonista, a mesma é arrancada do sonhar. “*Acorda, menina, teu pai mandou recado!*” (VILELA, 2003, p. 25) Os sonhos são variados, mas um se destaca em particular e Vilela não se deteve em destacar como a jovem reconhecia as cenas apresentadas a ela. “*Branquinha água, transparente, seixosa margem. A avó recomendar cuidados não carece. Perigo nenhum não há. De peixinho brinco, olhos aberto por baixo da água, das lavadeiras as calçolas vejo, molhadas e coladas à bunda. Não espio a da avó, me acanho.*” (VILELA, 2003, p. 25) A menina se encontra em um mundo repleto de brincadeiras onde a subjetividade domina e ela pode ter total liberdade sobre quem é e o que pode fazer, a infância nesse momento toma conta. “*Para Freud, o imaginário infantil corresponde à expressão do princípio do desejo sobre o princípio da realidade, [...] para além da formação da censura.*” (SARMENTO, 2003, p. 53) A criança não censura o que está ao seu redor, simplesmente se encanta com o fato de estar livre e brincando, usando do lúdico para satisfazer os seus desejos de descobrir o mundo.

A jovem ao ser acordada de súbito se encontra em um conflito interno, onde já nas primeiras linhas a realidade e a brutalidade do mundo a transmuda. De sonhos ao brutal. A mãe a acorda com sacolejos. “*Sacoleja-me os ombros a mãe. Com agoniados modos, e ríspidos. Jeito ruim de acordar uma criança.*” (VILELA, 2003, p. 26) Mais uma vez a infância vira obrigação. Nem o direito de saber o motivo ela tem. Simplesmente o pai a mandou buscar. Dormir ela não pode. Nem os dentes trata. Como questiona Qvortrup (2010):

“Se, por um lado, a infância enquanto período é uma fase transitória para que cada criança se torne um adulto, por outro, enquanto categoria estrutural, a infância não pode nunca se transformar em algo diferente e menos ainda em idade adulta. No entanto, é absolutamente significativo falar sobre a transição de infância de um período histórico para outro.” (QVORTRUP, 2010, p. 638)

Ela não é uma criança, é um adulto de certa forma em formação que tem que aprender as obrigações perante o seu lar e sua família. A vida prática é tudo o que ela precisa perante aqueles que deveriam a proteger. Nada de fantasias, nada de tempo para descansar ou aproveitar a sensação que o devaneio causou, o mandamento do pai deve ser respondido o quanto antes e a mãe é a fiscalizadora da tarefa ser feita em tempo hábil. A garota deve ter responsabilidades, autocontrole e disciplina, onde novamente o silenciamento é privado para ela, o afeto é negado. Freire (2022, p. 41) adverte que “a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, *destino dado*, mas resultado de uma "ordem" injusta que gera a violência dos opressores e esta, *o ser menos*.” A criança carrega o peso que a brutalidade causa na infância e conseqüentemente ela se fecha, reprimi-se e se torna menos do que é.

Essa agressividade, para os pais, tem fundamentos, como podemos ver ao longo do capítulo, porém é voltada a alguém que nada tem de responsabilidade e foi somente um alvo de descarrego ou um “saco de pancada”. A menina caminha sonolenta, sem querer contato com seu ninguém, nenhuma criança quer encontrar, coisa que seria difícil para a suposta hora de caminhada e, com perigos não contados para uma criança, ela corre mesmo sendo tão perto o destino que a espera. A mãe a manda sozinha caminhar três esquinas até a loja do pai que a espera com uma tarefa misteriosa.

“Encontrar outra criança não desejo, resto de sono tenho nos olhos. Responder a curiosidade de alguém que pergunta ‘Pra onde vai assim cedo, menina?’, não respondo. Sisuda, enfezada, num abuso danado, caminho em direção à loja do pai, três esquinas adiante.” (VILELA, 2003, p. 26) Sozinha e vulnerável, ela percorre a rua aberta e bate com um estranho que a questiona para onde está indo naquele horário. Mas talvez os ensinamentos que a maioria das crianças recebem de não falar com estranhos a percorre e ela segue sem reter atenção para o sujeito, entretanto, também podemos perceber o fato de que a mesma também estava cansada e com raiva, por ser acordada tão cedo e de uma forma tão abrupta. Ela pode projetar a raiva que sente em ser indiferente com alguém da sua rua somente para descontar a raiva em alguém aleatório.

Esse ato que veio desde a mãe a sacudindo é uma manifestação simplória a um ataque a consciência infantil da menina. Ela é arrancado do seu espaço íntimo e livre. O

mundo adulto projeta uma hostilidade na menina que ainda tenta controlar. Como descreve Sarmiento:

“Como hipótese a explorar, pode avançar-se a ideia de que as crianças estabelecem uma deslocação sobre os princípios lógicos estruturantes das gramáticas culturais adultas e, especialmente, sobre os princípios da identidade e da sequencialidade: Para as crianças, no âmbito do jogo simbólico – cuja importância na infância está bem estabelecida (WINNICOT, 1975) –, o objecto referenciado não perde a sua identidade própria e é, ao mesmo tempo, transmutado pelo imaginário: a criança pode passar a ser um astronauta, ou um índio, ou um modelo exibindo-se nas passerelles, ou um gato, sem deixar de ser ela própria, assim como o toco de uma vassoura se transmuta numa espada, ou num cavalo, e uma toalha se transforma numa túnica ou numa bandeira, sem que a criança perca a noção da identidade de origem. Do mesmo modo, a criança incorpora, no tempo presente, o tempo passado e o tempo futuro, numa sincronização de diacronias que altera a linearidade temporal, possibilita a recursividade e garante a simultaneidade de factos cronologicamente distintos.” (SARMENTO, 2003, p. 60 e 61)

A criança tem um tempo próprio, cada uma com seus ritmos e suas necessidades e o ser adulto que a rodeia não deve ignorar esse fato. Entretanto, vemos a garota ser tratada com aspereza e não com carinho. Ela precisa cumprir ordens e o quanto antes, para não haver consequências. O tempo que ela tem para digerir qualquer coisa é totalmente ignorado e deixado de lado, suas necessidades também. Ela é somente um ser sem prioridades onde as necessidades dos pais devem ser cumpridas por ela em primeira instância.

Não é à toa que ela deixa de satisfazer a curiosidade daquele adulto anônimo, alguém desconhecido que poderia ser tanto um completo problema com uma figura de escuta e acolhimento para a menina, alguém que iria escutá-la e dá uma mínima atenção. Freire já advertiu sobre o silenciamento dos “homens”: “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.”(2022, p. 108). A menina resiste a vontade de falar, esta cansada física e mentalmente. Não dormiu direito, não acordou e nem sabe o porquê de tanto estardalhaço. Ela foi silenciada muitas vezes que a expressão “não respondo” já tem um acúmulo em suas experiências de repreensão, pois foi ensinada que sua voz não tem nenhum valor. Isso destoa dos ensinamentos que Freire (2022) tanto ensinou. A garota precisa ser ouvida e precisa falar para poder ter lugar no mundo, para poder se impor perante os homens.

É nesses pequenos atos que Arriete Vilela revela uma sensibilidade grande, pois ela mostra que não é preciso gritar para expor como o patriarcado castiga sem ao menos tocar em sua vítima, como ele pode agir com opressão sem ao menos os oprimidos sentirem falta de algo que um dia tiveram, a sua voz. A simplicidade de acordar alguém com um pouco mais de rigidez pode ser suficiente para levantar marcas profundas do ser.

É no diálogo com o pai que tudo se desmorona. “— Por que demorou tanto, menina? / — Demorei, pai? / — Cadê aquela perua velha? / — Quem, a mãe? / — Quem mais, ô sua peruazinha, quem mais a não ser a tua mãe, que passa a noite quengando e não vê o filho pequeno sair pra rua sem o sol nascer direito?” (VILELA, 2003, p. 26) O diálogo apresentado aqui não é propício para a infância, entretanto a criança está acostumada e a ofensa a ela fica despercebida, porém, ela percebe o tom contido na voz e “encolhida, miúda, miseravelmente menor pareço. Chocha, assustada.” (VILELA, 2003, p. 27) ela fica. O medo adentrando o seu ser somente com um tom de voz mais ríspido, agressivo.

“Quando os dominados aplicam àquilo que os domina esquemas que são produto da dominação ou, em outros termos, quando seus pensamentos e suas percepções estão estruturados de conformidade com as estruturas mesmas da relação da dominação que lhes é imposta, seus atos de *conhecimento* são, inevitavelmente, atos de *reconhecimento*, de submissão.” (BOURDIEU, 2024, p. 30)

A garota reconhece que o pai tem uma certa dominação perante ela naquele momento e sente-se submissa ao ser masculino a sua frente, introjeta um medo de algo que pode vir a se agravar se ela fizer alguma coisa que o pai ache de errado. Os “apelidos” usados são outras formas de rotular o sexo feminino como inferior e como um “produto falho” da natureza humana. Como observa Heywood (2004, p. 76, apud CALDEIRA, 2010, p. 2), “as meninas costumavam ser consideradas como o produto de relações sexuais corrompidas pela enfermidade, libertinagem ou a desobediência a uma proibição”. O homem é o ser certo da questão e a mulher é errado. Essa visão distorcida é antiga e discriminatória. Como Bourdieu criticou: “[...] é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa reservada às mulheres.” (2024, p. 24) O pai está na loja, no seu espaço de trabalho e é ele que tem voz, e na fala deixa claro que o lugar da mãe é cuidando dos filhos, principalmente aquele que saiu sozinho antes do nascer do sol sem ela ver. Ele a culpa por tal ato de displicência e a xinga, a menospreza. O lugar da mulher nesse sentido é cuidado do lar e o do homem, cuidado do mercado.

A menina ainda tenta minimizar tudo e sair do local o quanto antes, provavelmente para evitar o descontrolo do pai: “— *Posso levar ele, pai?*” (VILELA, 2003, p. 27) Mas o pai a manda pegar a chupeta do tão amada filho casula que está em um quarto da loja. Tão distante para várias coisas acontecerem, e é exatamente isso que acontece.

“No quarto do pai entro, escrúpulo tenho, olhar quase não olho a mala assim num canto, roupas nela jogadas, amarrotadas, que há duas semanas cuidadosamente estavam penduradas no guarda-roupa de casa. A chupeta, vejo-a. Ao pegá-la, contudo, sinto pegarem-me mãos brutas. / E em mim ele desconta seu ciúme, seu despeito, sua ira. Menina sou, e frágil. O pai, porém, parece nas mãos ter um saco de batata – soca, sova-me.” (VILELA, 2003, p. 27)

O texto poderia facilmente parar por aí. O pai descontando uma raiva na menina que a ela não cabia. Um ato comum nesse tipo de estrutura, o patriarcado. O ser mais fraco é aquele que mais sofre nas mãos dominadoras. Ambos os pais descontam na filha aquilo que era para tratar entre ambos, ambos usam de agressões verbais e físicas na menina e as marcas ficam eternamente no “grande baú” que é a memória da menina. Esse dialogo entre pai e filha evidencia uma cultura a base de ciúmes, desconfianças e conflitos que dificilmente se resolvem, e, como mostra no texto, os pais descontam suas frustrações conjugais nos filhos. A autora conseguiu construir uma cena excepcionalmente simbólica, de uma forma sutil, para mostrar ao leitor uma rica crítica sobre a forma como as meninas muitas vezes são marginalizadas pelos pais para serem frutos da submissão feminina.

Na cena, três personagens são mencionados: “[...] o pai igualmente de amores sempre cheio se mostrou por esse filho caçula.” (VILELA, 2003, p. 26). Mas o filho caçula nada recebe, mostrando que é nas meninas que a dominação deve ser feita, a opressão deve ser perpetuada e o “produto corrompido” deve ser corrigido.

Vale ressaltar também que o tratamento dado a uma criança do sexo masculino era, em muitos casos, diferente do tratamento recebido por uma criança do sexo feminino, pois “as meninas costumavam ser consideradas como o produto de relações sexuais corrompidas pela enfermidade, libertinagem ou a desobediência a uma proibição” (HEYWOOD, 2004, p.76). E sendo assim, a celebração do nascimento de uma criança se diferenciava de acordo com o sexo da mesma. Um exemplo é a Bretanha do século XIX, em que a chegada de uma criança do sexo masculino era saudada com três badaladas de um grande sino, enquanto a chegada de uma criança do sexo feminino era saudada com apenas duas badaladas e de um sino pequeno. (CALDEIRA, 2010, p. 2)

“Dobro uma esquina, como longe me parece a casa!, dobro outra. Pelo cantinho da parede vou, desolada, tão, humilhada, puxando o menino, agarrada fortemente à mão dele. Encontrar outra criança não posso, choro tenho nos olhos, na cara, e dor no corpo todo. / E entre as pernas, a escorrer da calcinha de morim, uma vexatória diarreia: conseqüência da brutalidade, da estupidez do pai.” (VILELA, 2003, p. 27)

É com uma imagem simples que começamos o capítulo, mas, no final, nos deparamos com algo completamente diferente e brutal. A transcrição do rio faz o leitor se teletransportar para um momento de alegria e nostalgia, mergulhando em uma forte representação do espaço simbólico que é a liberdade. Porém, a autora buscou denunciar que a infância muitas vezes é brutal e sem alegria. Que a infância também é regada de opressão e de silenciamento, principalmente para as meninas que tanto buscam a liberdade. “E a meninada, ah, a meninada é flor boiando” (VILELA, 2003, p.25) a meninada perde o canto, ela perde o brilho e a flor deixa de se desabrochar. Ela simplesmente é tratada como algo inferior e desprezível que esta ali por obrigação, “*um saco de batata*” que serve somente para o “*soca, sova*”. Entretanto, a infância precisa ser liberdade e cuidado, carinho e amor, coisas que a menina não tem.

O fato do pai está dormindo na loja ao invés de em casa, não é um fato isolado como podemos ver no corredor do livro. Uma passagem no capítulo posterior mostra que a traição que o pai insinuava vinda pela mãe é, na verdade, ele mesmo buscando. A cena revela o pai mentindo para poder sair depois do jantar e a mãe deixando a menina sozinha cuidado dos irmãos, mais um momento de “adultizar” a pobre criança. A cena é corriqueira, mas a menina fala “têm asas as fofocas” (VILELA, 2003, p. 30) ela fica sabendo de tudo. A mãe agride a concorrente, que já soube via “fofocas”, com uma “tabica”, esta usada para várias coisas como a narradora deixa claro, possivelmente também usada contra a própria criança, comportamento típico desse tipo de estrutura, onde a “correção” é usada mediante agressões físicas. Esses comportamentos são comuns nessa família e a menina já está até acostumada com o pai saindo de casa, mesmo não querendo e tentando ter um resultado contrário. Ela presencia brigas e agressões daqueles que devia se inspirar, daqueles que deveriam a proteger.

As tensões nesse tipo de estrutura familiar são comuns, já que a vivência aqui é crescente em aparências e o que sai para a sociedade não é o que esta dentro de quatro paredes.

Carregar o irmão menor pela mão é um ator de denúncia por parte da autora. Ela quis mostrar ao leitor que a infância também carregar dor, no corpo e no psicológico, que as meninas sofrem mais que os meninos em uma infância carregada de opressão. A garota caminha pelas ruas, novamente sozinha, com dor por conta de uma surra, com vexação íntima, resultado da diarreia que escorre “da calcinha de morim”, que foi causado pela fútil violência sofrida sem a mínima necessidade e sem até a mesma ter alguma coisa a ver.

O seu corpo chora, mas ela não quer ver ninguém, nem uma única criança, pois é vergonhoso e motivo de falácias. Como escreve Paulo Freire, “quanto mais se lhes imponha passividade, tanto mais ingenuamente, em lugar de transformar, tendem a adaptar-se ao mundo, à realidade parcializada nos depósitos recebidos” (2022, p. 83). Ela quer esconder sua dor para as outras crianças, para outros adultos e quer chegar em casa o quanto antes para poder cumprir a tarefa imposta e poder talvez se sentir segura um pouco, sem se comunicar com ninguém e se alto silenciar no seu intimo seguro. “Na verdade, o que pretende os opressores ‘é transforma a mentalidade dos oprimidos e não a situação que os oprime’ (Beauvoir, 1963, p. 34), e isto para que, melhor adaptando a essa situação, melhor os dominem.” (FREIRE, 2022, p. 84)

O texto 5, é de longe um dos mais brutal para a nossa protagonista. A autora busca mostra de uma forma simbólica o conflito crescente dentro da protagonista entre o

desejo e o dever doméstico. A infância tende a levantar a leveza que a imaginação carrega, mas que é muitas vezes apagada pelo peso que lhe é imposto pelos adultos no âmbito do dever. Nesse momento o afeto pode até existir, mas para a menina é explicitamente negado e ela se vê sozinha, sem voz e o único que pode falar é o seu próprio corpo que carrega as marcas visíveis que ninguém quer enxergar.

3.3 – AS VONTADES NEGADAS, A VOZ SILENCIADA: ONDE FICA O DESEJO INFANTIL? (TEXTOS 7, 8 E 9)

No decorrer do livro entramos nos acontecimentos dos capítulos Textos 7, 8 e 9. Arriete Vilela nos aprofunda por episódios marcantes para nossa protagonista mirim, uma evolução de sentimentos que só enriquecem as experiências que a jovem tem de silenciamento, perante aos adultos e até mesmos com as crianças que a rodeiam, de desconforto perante a atos de que nunca deveriam existir e também de uma censura e mentiras que marcam a confiança de uma infância em formação, onde a liberdade não reina e a voz de uma criança não tem nenhum valor.

É no Texto 7 que a infância se mostra cruel entre os próprios protagonistas. A jovem retém um desejo avassalador de cantar. “Meninas brincam, cantam. Alegres, as cantigas de roda. De cor sei quase todas, ou todas mesmo, mas cantar não canto.” (VILELA, 2003, pp. 33) De um lado a liberdade, a alegria, a diversão. Do outro a vergonha, a autocensura, a repreensão de si mesma por algo que gosta tanto. Mas o que será que a faz falar para o seu próprio leitor que cantar não canta?

“A socialização não é uma espécie de 'programação cultural', em que, como notou A. Giddens, a criança 'absorve passivamente as influências das realidades com que entra em contacto (...). A criança é, desde que nasce, um ser activo' desse processo (GIDDENS, 1993: 60). No entanto, os pressupostos de uma parte importante dos modelos conceptuais elaborados acerca do processo de socialização continuam a privilegiar a vertente da sociedade e do mundo adulto, deixando mais ou menos implícito o carácter constrangedor e programador deste e o papel meramente adaptativo do indivíduo.” (PINTO, 1997, p. 45-46)

É um episódio com o próprio irmão, outro agente da infância que a faz se calar e reter o desejo que sempre cresce nela de cantar. A infância assim carrega desafios para elas mesmas dentro de seus próprios grupinhos de amigos ou não amigos. A infância é muitas vezes um campo espelhado de atitudes adultas onde a criança se espelha em atos sem saber o real significado que seu ato vai acarretar, simplesmente pelo fato de que viu um adulto fazendo com outro ou até com outra criança.

A protagonista, tanto repreendida pelos pais, também se ver a mercê do irmão, outro ser masculino que a procura dominar com gestos banais, zombando de coisas que nem ele mesmo entende completamente, mas que sabe que irá se sentir superior ao outro ser, que nesse caso já tem uma carga dominante da cultura patriarcal em que está inserido. Mais uma vez a menina se sente atacada e oprimida por aqueles que a deveriam acolher e a proteger. É no contraste descrito que percebemos que a subjetividade da criança é afetada em múltiplas camadas diferentes. Vilela procura demonstrar que o irmão zombou dela e que segundo ele os animais sairiam correndo com aquela cantoria horrível, mas a menina repara que os animais estão alheios a tudo e continuam suas vidas em completo devaneios, porém mesmo percebendo isso a menina não canta mais em nenhum episódio. Ela internaliza algo para si exatamente como o agressor queria. Freire (2022) fala que o opressor busca moldar a mentalidade do oprimido para assim o dominar da melhor forma e o irmão usou dessa ferramenta para moldar a mente inocente da irmã. “Pois bem. Cantar não canto em voz alta. Vontade danada tenho”. (VILELA, 2003, p, 33)

É como aponta Sarmento (2003), os pais moldam os filhos com os preceitos já passados anteriormente a eles, fazendo assim cópias culturais deles mesmos, para que o ciclo se repita. Na maioria das vezes esse ciclo continuam se repetindo cada vez mais , principalmente em cidades do interior.

“Desde logo, na Sociologia, o conceito de ‘socialização’, com raízes na obra de Emile Durkheim, remeteu para a condição de seres pré-sociais as crianças, assim tematizadas como objecto de um processo de inculcação de valores, normas de comportamento, e de saberes úteis para o exercício futuro de práticas sociais pertinentes.” (SARMENTO, 2003, p. 59)

Não é ato que a autora descreve o sentimentalismo presente na cena. A praça contínua eterna na cantoria, mas a criança solitária fica. Pequena, mas desde cedo é obrigada a ser adulta e “colocar sentido na casa” ela deve. A mãe a obriga a ficar sentada no batente de casa vigiando-a contra possíveis ladrões. Uma criança pequena servindo como guarda. Ela senti-se infeliz e descreve isso, mostrando ao leitor novamente que a infância não é um conto de fadas. “Entre mim e as outras crianças, uma diferença: elas são felizes, eu feliz estou.” (VILELA, 2003, p, 35)

A autora mostra que a protagonista sente a diferença que há na vida dela e das outras crianças. As outras são livres, já ela não é, e somente na desobediência das ordens da mãe e longe dos olhos dela que ela pode se “sentir” feliz, não “ser” feliz. Freire (2022, p. 46), fala que “os oprimidos, que introjetam a ‘sombra’ dos opressores e seguem suas pautas, temem a liberdade.” A garota antes de se sentir feliz teme desobedecer às ordens da mãe e sair do local a ela imposto, mesmo com incentivo de uma nova coleguinha. É nesse momento

em que ela teme a liberdade, que ela teme fugir do ciclo da opressão. Mas ela enfim cede e esquece a tarefa imposta até que ver a mãe voltando para casa e mais agressões ela leva por desobediência e por perder a chave de casa.

Já no Texto 8 as tensões revertem sobre falsidades, mentiras e novamente traições. O circo vira desculpa para o pai acobertar as suas maquinações e as crianças são expostas mais uma vez as confusões e os desentendimentos dos pais. Esse episódio mais uma vez desmascara como esse tipo de estrutura familiar é extremamente frágil e afeta subjetividade da infância, afeta também a liberdade infantil e demonstra que nesse contexto a felicidade não é duradora no mundo.

“Hoje tem espetáculo? Tem, sim senhor! Às nove horas da noite? É, sim senhor!” (VILELA, 2003, p. 37) O capítulo se inicia com uma cantiga infantil de circo, para dar uma prévia ao leitor do que será a base do mesmo. O circo é uma desculpa e uma motivação para o preconceito que os pais têm contra pessoas diferentes.

“Espio. Da janela. Alegria num olho, tristeza noutra. Descalça e alegre assim que nem os meninos queria eu estar. Mas o pai: ‘Bando de maloqueiros!’. Mas a mãe: ‘Pivetes sem eira nem beira!’.”(VILELA, 2003, p. 37) Como a maioria dos capítulos, a menina deseja a felicidade alheia, aquela que ela nunca teve, mas que sempre ver entre um quadrado. Através da janela ela escuta as meninas brincando na praça e quer brincar com elas. Através da janela ela ver o pessoal do circo que desfila pelas ruas com alegria e brincadeiras. Porém, ela não pode compartilhar ou desfrutar de nenhuma das alegrias. A reprimenda em casa é constante e os pais veem essa multidão como pessoas horríveis, resultado de um preconceito que percorre a sociedade por eras.

A menina sente que algo está diferente, os pais, entendesse para propagar ensinamentos antigos e demonstram a menina um tipo de cotidiano anormal. Entretanto, a autora buscou mostrar uma realidade atípica para a cena que iria se seguir no final. O mundo gira e as histórias humanas também. A menina se fantasia assistindo ao circo até que a noite, o pai, em um caso pensando, oferece uma ida ao circo para todos da família, exceto ele. É difícil de imaginar essa situação nesse contexto. O pai, um ser preconceituoso para o circo, deixa todos irem ao mesmo e fica “sozinho” em casa, sem motivo aparente.

Uma empregada nova é apresentada a história, por mais breve que seja a sua passagem. Constrangida, a menina fica com alguns carinhos ganhados delas, mas o medo já é algo enraizado no seu cerne. “Nada não digo. Adiantar não vai. Contrariada, desconfortável e sem graça dentro daquele vestido seminovo[...]” (VILELA, 2003, p. 39) E assim ela vai com

a mãe para o espetáculo que tanto desejou. Desfrutar de alegria e de muito risos. Duas horas cronometrada de uma felicidade passageira, pois logo em seguida o motivo da solicitude do pai é revelada. “Em casa, porém, outro tipo de espetáculo.” (VILELA, 2003, p. 39)

Vilela procura apresentar as duas metades da moeda, a alegria passageira e a tristeza duradoura na vida da menina. O circo representa a liberdade, já o lar representa intrigas, brigas, desamor, tudo menos afeto. E Arriete Vilela buscou de sentimentalismo para mostrar que a realidade é mais complexa e que a sociedade é injusta com as pessoas mais frágeis, que a mulher é muitas vezes enganadas e que a estrutura familiar dessa gama da sociedade é cheia de máscaras e artimanhas para conseguir o que quiser. O pai usou da saída ao circo da mãe, para desfrutar de prazeres carnais com uma pessoa que não era o seu cônjuge, expondo a menina a escândalos que afetariam para sempre a subjetividade dela.

Aqui não existe o lúdico, mas sim a violência. A flagra o pai com a nova empregada e assim descobre o motivo da solicitude dele de querer que ela saiam de casa para se divertir. Não é somente uma olhada, não é somente um flerte, mas os tapas rolam e expõem ainda mais a menina a uma infância quebrada sem nenhum tipo de amor e segurança, cheio de instabilidades e tensões.

O cenário muda no Texto 9 e algo que seria corriqueiro e simples termina se tornando um tormento descomunal para a jovem protagonista. Um simples limão vira uma ferramenta de mentiras, opressões e silenciamento. A palavra é dominada por aquele que tem maior idade e a menina é vista com um ser mentiroso e sem nenhum crédito por aquele que deveria confiar nela primeiro.

“- Vai na quitanda de dona Zinda e diz pra ela me mandar tomate e coentro.”(VILELA, 2003, p. 41) A menina é mandada à quitanda e como toda criança o desejo a toma conta fazendo-a pedir um simples limão à dona da venda. Aqui, aos olhos da pequena criança indefesa, dona Zinda aceita o pedido e dá o limão sem preâmbulos. Entretanto, ao chegar em casa, a mãe da menina estranho o fruto e questiona, porém, desacredita da filha e a leva a quitanda para “tirar a limpo” a história. “Você não carregou sem ela ver?” (VILELA, 2003, p. 42) A menina em nenhum momento é acreditada pela mãe. Esse episódio só evidencia o descrédito que a voz infantil tem diante das autoridades adultas que a rodeiam. A criança diz a verdade, porém só será verdade se outro adulto o confirmar.

O que esse episódio deveria ter de valor? Seria a honestidade, porém o que aprendemos é justamente o contrário, a criança é honesta, mas o adulto, que deveria dá o exemplo, se enche de desonestidade. Como Freire (2022, p. 108), destaca “a existência,

porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo.” Aqui não vemos o mundo ser mudado e como o mundo é em sua realidade. A criança tem que obedecer, acatar as ordens como elas são, sem nenhum mais fora da linha, pois as consequências podem ser desastrosas. Ela não deve desejar, não deve querer, não deve pedir.

“Dei não. / Não?! / — Ela deve ter pegado quando fui ao quintal, mas dar não dei.” (VILELA, 2003, p. 43) Aqui vemos que o adulto pode mentir e sair impune. Ele pode ser desonesto, para humilhar suas vítimas. Essa é a sujeira da sociedade que a maioria das histórias infantis não contam e Vilela conseguiu desmascara muito bem. Ela trouxe a realidade como é exatamente e desse texto uma resistência para as vozes que são silenciadas constantemente. A criança tenta, mas alguém tem que comprovar sua inocência e nesse texto ela se sai como a desonesta da história.

“Dizer ‘Mentira, dona Zinda está mentindo, eu não tirei escondido o limão’, **não digo**. Embaraçada e ferida, olho-a; mas a mulher, indiferente, já se ocupa em anotar na caderneta de fiados a dívida do limão.” (VILELA, 2003, p. 44) Esse não digo mostra como a mente da criança já está moldado. Cada parte dela se retorce para dizer que a verdade está como ela, mas ela já sabe que os adultos que tem a “palavra verdadeira” por mais que sejam mentirosas essas palavras. A criança já sabe que não adianta tentar confrontar o adulto, ela tem que se silenciar e acompanhar o mundo do jeito que esta, não pode “transformar o mundo”.

Esse simples gesto de pedir um limão para usá-lo de bolinha muda completamente a subjetividade da criança, ela aprenderá da pior forma que não deve pedir, deseja, querer brincar. Ela aprenderá que será sempre um ser de suspeitas e que não tem crédito algum na sociedade. Porque, segundo os adultos, ela mente, ela rouba, ela é uma criança má. Porque, simplesmente, o adulto não quis “transformar o mundo”.

Nesses três capítulos, Arriete Vilela quis demonstrar como a opressão infantil também funciona com gesto simples, sem violência física, somente com palavras mentirosas que afetam a psique infantil para assim moldá-las ao padrão aceito da sociedade. É uma “brincadeira de mal gosto”, são mentiras, é o descrédito em suas palavras, a culpa e a negação do direito ao desejo que fazem o silenciamento da infância, que fazem das meninas uma mulher submissa da sociedade patriarcal.

Ela queria cantar, ela queria brincar, ela queria pertencer, mesmo sozinho no seu mundinho solitário, mas mesmo assim foi negado esse direito a ela. Vilela nos mostrou que

não é somente com surras que uma criança pode ser castigada, mas sim com o apagamento da liberdade, com o apagamento de ser criança, de ter infância, de ter espontaneidade, e isso tudo ela mostrou com lirismo e uma dureza sentimental.

3.4 – MANIPULAÇÕES: A INFÂNCIA SENDO UM INSTRUMENTO PARA OS SEGREDOS DOS ADULTOS

O que levaria uma mãe dá um papel a sua filha para um simples teste? É com esse acontecimento que entramos no Texto 12 de “*Cirandinha*”. Arriete Vilela narra um episódio brutal para nossa pequena protagonista nesse capítulo memorável e emblemático, que explorá, de uma maneira dura e simbólica, como a infância é muitas vezes manipulada pelos adultos para simplesmente testar a “lealdade” dos pequenos.

No capítulo, a jovem é incumbida a levar um papel dobrado a alguém não mencionado no final da rua. “- Tu vai levar um bilhete pra uma pessoa. / - Pra quem, mãe? / - Não interessa, no pé da ladeira tu vê. / - Mas como vou saber? / - Vai, se preocupe não.” (VILELA, 2003, p. 55) Nem direito de saber o destinatário a menina tem, com ignorância é tratada e tem que seguir com a ordem. “Dobra bem a mão, menina, não deixa ninguém ver, ninguém.” (VILELA, 2003, p. 55) Não deixar ninguém ver é a ordem explícita da mãe, e a menina só se contenta em estranhar tal segredo.

Freire nos explica que “os oprimidos, contudo, acomodados e adaptados, ‘imersos’ na própria engrenagem da estrutura dominadora, temem a liberdade, enquanto não se sentem capazes de correr o risco de assumi-la. E a temem, também, na medida em que, lutar por ela, significa uma ameaça[...]” (2022, p. 47). A menina ao estranhar deveria questionar e não ficar calada diante das coisas adultas, mas ela teme contradizer a mãe, teme a liberdade de questionar e teme sofrer qualquer tipo de opressão por parte do ser materno. Esse mistério é voltado para a desconfiança e a tensão é crescente no texto. A criança não entende o que esta acontecendo, porém, só a resta cumprir a tarefa e ser bem sucedida na mesma, ela entende que é algo proibido e sigiloso, mesmo sendo uma tarefa aparentemente simples.

Entretanto, nem tudo é o que parece. O mundo adulto é mais complicado para uma pobre menina e obstáculos serão colocados no caminho, para o bem ou para o mal.

A classe social em questão, retratada nos cenários descritos até aqui, podemos dizer que é baixa e como na maioria as mulheres do bairro são “curiosas” e essas talvez sejam mais que curiosas. “- Pra onde vai, menina? / - Lá no pé da ladeira. / - Fazer? / - Uma coisa. / -

Que coisa, menina? / - Nada não. / **Cercam-me as mulheres.** / - Que tem na mão? / - Hein? / - A mão, menina, que tem nessa mão tão fechadinha? - Nada não.” (VILELA, 2003, p. 56)
São gestos agressivos que a cercam, em buscar de um pequeno papel que nem a pertencem, o que leva um adulto a atacar uma criança dessa forma simplesmente para “curiar” algo que não lhe pertence?

Essa curiosidade por parte das mulheres é algo de senso comum, como afirma Freire (2025, p. 31): “a curiosidade ingênua, do que resulta indiscutivelmente um certo saber, não importa que metodicamente desvigoroso, é a que caracteriza o senso comum.” O que vemos aqui é o espelho de uma sociedade de oprimidas que repete os erros de antigos, ou atuais, opressores. Aquilo que é feito é passado por gerações e o ciclo não se rompeu ainda. Elas buscar reafirmar que domina no bairro e a criança não está entre elas, a criança é o ser inferior. Não procuram romper o ciclo de violência, de opressão ou de desamor. Elas poderiam simplesmente deixar a menina seguir o seu caminho em paz, mas usam da violência uma arma para impor hierarquias que só existem por meio de uma sociedade doente entre si, hierarquia essa que somente aprisiona as suas vítimas.

Aqui não se é praticado a “curiosidade epistemológica” que Freire fala, aquela que critica e procura buscar o saber, buscar a liberdade. As mulheres se fecham em uma concha, em um ciclo vicioso que não pode ver o saber, nem a liberdade e nem o amor com o próximo.

De todos os modos elas tentam persuadir a menina, mas sem sucesso. Doce é oferecido e a violência é também agregada a infância. A menina sai “rolando feito um embrulhinho” (VILELA, 2003, p. 57) ladeira abaixo até no final descobri que tudo não passava de somente um teste “bobo”, que de bobo não tem nada.

A tarefa é feita com sucesso e ela não sede a ninguém e o bilhete é entregue a ninguém menos que o próprio pai que aguarda com a mão estendida, possivelmente vendo tudo que a menina passou.

É esse final que mais tem simbologia nesse capítulo. Ao pé da ladeira é o seu próprio pai que esta esperando pelo bilhete, alguém que não carecia segredos. Ao final de tudo a menina não aguenta a violência gratuita e desfalece, porém, não antes de ver que o papel extremamente protegido estava **em branco**. “Um papel em branco — vi antes de me fugirem os sentidos. [...] Maneira estranha, incompreensível e estúpida de testar uma criança, sua esperteza e fidelidade. Fidelidade a um pai e a uma mãe que da infância só me **deixaram destroços...**” (VILELA, 2003, p. 57)

Esse final é devastador para qualquer um. Esse ato é grotesco, a criança foi usada como uma ferramenta descartável na disputa entre adultos. Ela foi testada para identificar até que ponto a sua fidelidade a um pai e uma mãe se estendia, porém, nenhum dos dois tem qualquer tipo de fidelidade, amor ou carinho com a mesma. Entre eles a via é de mão única, só a garota que tem que mostrar algo para os pais e isso é monstruoso, fazer a criança passar por esse tipo de provação, ser leal, ser obediente, ser submissa a um simples código familiar que é perverso.

A própria menina entende que aquilo não é correto e finaliza com um “maneira estranha...”. Ela entende posteriormente, mas não tem forças para mudar isso. Isso revela a violência simbólica que ela sofreu e que a sua infância sempre foi desrespeitada, manipulada e sempre colocada em prova para entreter os desígnios adultos.

Isso mostra marcas profundas que cercam muitas mulheres, segundo Sarmiento (2003, p. 59) as crianças tinham uma “condição de seres pré-sociais”, ou seja, para a Sociologia clássica os adultos reforçavam a ideia de que as crianças seriam objetos de um processo para implantação de valores e normas. Nesse texto é implantado valores como lealdade, obediência, submissão na criança. Ela é silenciada novamente. É na repetição que ela aprende as coisas. É a educação bancária que Freire (2022) nos ensina.

Podemos identificar também que este episódio carrega a forma como as disputas e mágoas adultas são projetadas na menina. Ela sofre no corpo e na mente sem nenhuma proteção ou “remédio” para aliviar a dor já que por não recebe nenhum tipo de auxílio família, como carinho ou amor. Isso mostra o descaso que essa estrutura familiar cultiva no seio da sociedade. O bilhete não era importante, era somente um pretexto para verificar se a criança era “confiável” em tarefas sigilosas. Tudo que foi presenciado nesta cena, a dor física, o medo, o silenciamento, são elementos de um sistema que procura contrariar os que acham ser seres inferiores a eles, é um sistema simbólico de poder. Qvortrup (2010, p. 634) afirma que o poder sobre a infância é exercido não somente pela força, mas também por meio de manipulações no afeto, na culpa e nas expectativas:

A antecipação da idade adulta e a trajetória em direção a ela não apenas descrevem às crianças as atitudes dos adultos, mas, também, as transformam em proporções agigantadas para as crianças; as características determinam de forma significativa as expectativas dos adultos diante das crianças e o comportamento daqueles em relação a estas, bem como as expectativas das crianças em relação ao seu próprio desempenho e realizações.

No final, ela somente entende que tem que ser fiel, e entende isso de uma forma amarga e cruel, pois são os únicos laços que têm em vida. Não basta mostra como aconteceu, Arriete Vilela também nos revelou que essa crueldade marcou a vida da menina e que ela

ainda hoje sente o enraizamento em seu ser dessa dor que ela nunca provocou. Vilela critica sem mostrar que esta criticando.

3.5 – O SILÊNCIO DOS AFETOS: A AUSÊNCIA DE ACOLHIMENTO NOS TEXTOS 2 E 3 DA PARTE 2

O cenário muda quando chegamos na parte 2 do livro, “Empresta-me os bilros, avó.” A casa dos avós maternos são o foco central das tramas a parti desse ponto e a avó é que conduz os ensinamentos para nossa protagonista mirim. Nos Textos 2 e 3, a esfera se torna ainda mais delicada e mais dolorosa, pois a ausência de acolhimento e afeto também partem dos avós que poderiam ser uma ponte para o amor que a menina nunca teve. A dor aqui é ainda maior do que nos capítulos anteriores, já que mexe ainda mais com o psicológico da criança.

No Texto 2 a criança encontra não somente uma tentativa de ser silenciada, mas também o silenciamento daqueles que deveriam a dar voz e a incentivar a ser uma criança. Freire argumenta que “ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.” (2025, p. 24). O dom de ensinar não é restrito para os professores e desde o início do livro vemos que a garota é ensinada a entrar em uma cultura onde ela deve ser silenciada e submissa, ou seja, em determinados momentos os pais, ou os tutores da criança são colocados em uma função de ensinar valores aos filhos e desse capítulo em diante a avó também assume essa função, de passar valores para um novo ser.

Quando Freire fala sobre ensinar, ele está dizendo que os educadores devem incentivar os educandos em suas tarefas para que eles possam se sentir proativos e receber assim os ensinamentos de uma forma mais revolucionaria, onde o educando tem voz, para que assim o mundo possa ser mudado. Ele também fala (2022, p. 108), que é na voz que temos autonomia para ser, para ser agente da sociedade. Quando a avó rejeita um simples pedido de ajuda da menina, ela está incentivando a menina a se calar, a se silenciar.

É no Texto 2 que Vilela revela como o descaso desse tipo de estrutura vem se repetindo de ciclo em ciclo, desde primórdios da sociedade. A neta vê uma oportunidade de ser talvez “útil” em alguma coisa, mas o que realmente ela queria seria exercer a sua infância, criar momentos sentimentais com a avó do lado, onde ela pudesse ser feliz com uma simples tarefa que seria jogar milhos para as galinhas.

“Vai me atrasar, menina. Deixa que eu jogo”. (VILELA, 2003, p. 75) O que a avó iria fazer que não poderia deixar a menina jogar os milhos? Será que deixar a menina jogar os milhos realmente iria atrasar ela? Entregar os milhos a menina e sair, talvez não adiantasse o serviço dela? Essas são perguntas que nunca foram respondidas, pois simplesmente a menina se ver como um ser incapaz de ser útil para qualquer coisa, até jogar milho no chão. Essa recusa simbólica é essencial para moldar a subjetividade infantil. Ela não pode participar ou pertencer a algo, ou até, interagir com afetividade com sua própria avó. A vontade adulta é a que sempre prevalece.

Qvortrup (2010, p. 641), ressalta que embora, ao nível familiar, as crianças têm se aproximado mais de seu país, mas no nível social a infância ainda é muitas vezes percebida em termos de “negligência ou indiferença estrutural”, mostrando como as crianças são ainda exclusas de voz e de pertencer coletivamente. A avó ainda é regreda no termo social de sua cultura patriarcal onde foi inserida. Ela afasta a criança não somente nesse episódio, mas também em vários outros que serão narrando ao longo.

Esse ato de recusa é somente uma desculpa para intensificar o afastamento que a avó busca ter com a menina, pois não se justifica qual tarefa a avó iria ter, que poderia se atrasar caso deixasse a menina participar.

“Esse pedido sempre me nega a avó. Tem pressa. Para mergulhar em si mesma carece de tempo, muito. Então, guarda o encardido avental, empoeirado de farelos, e, à porta do quintal, senta-se, no batente. Absorta, à espera da noite. / Sobre uma velha gamela emborcada, acomodo-me, a poucos metros da avó. Os olhos, observo-lhe: um distante tempo enxergam, num retorno de saudade e de dor. Vêem, na esteira, o pai: adormecido, embriagado; na estrada, uma menina de peitinhos em flor, dez, onze anos, o pé na poeira, sem rumo. / Angustio-me, cá na gamela, ao ver ir descendo a noite, e a avó ali, quieta, tão, consumindo-se em recordações[...]”
(VILELA, 2003, p. 75)

Não é um ato isolado, a garota sempre é excluída de alguma tarefa e a avó vagueia por recordações que vão além da compreensão da menina. A menina carece de atenção e de um vínculo familiar, porém a avó prefere a recordação, recusa-se ser afeto, ser carinho, ser amo. É Freire (2022, p. 108) que observa que a existência humana não se deve se espelhar no silêncio, mas sim em “palavras verdadeiras”.

A cena é por si só marcante. A avó olhando para o horizonte, em outras palavras, para o nada, enquanto a menina fica ao seu lado, sentada, isolada, triste por uma avó que não a nota. Existe um abismo entre as duas. A criança se ver longe dos pais que a negligenciam, podendo buscar conforto familiar em outros seres, mas o que encontra é justamente o contrário e algo parecido e talvez pior do que já recebia em casa. Essa indiferença, que se

mascara com normalidade, é uma forma cruel e profunda de silenciamento que algumas infâncias carregam.

“— Não vai entrar, avó? Já é tarde.” / “— Tarde pra quê, manina?” / “— Não sei, avó. Mas acho que é tarde.” / “Nunca é tarde, menina.”. (VILELA, 2003, p. 76) Não existe mais pressa, não existem mais outras tarefas a fazer, a avó não tem mais sentido em suas palavras anteriores, suas palavras eram “falsas” e a menina é deixada como sempre de lado. Tentar outro diálogo não é algo viável, a avó simplesmente é um poço de silêncio que reflete o silenciamento entre adultos e crianças.

Esses atos de afastamento é percebido pela criança, não é algo que passa despercebido. A protagonista narra que entende a irritação da avó, que compreende que não é somente com suas falas que a avó se irrita, mas com sua presença. A avó tinha uma rotina solitária e a menina foi largada ao seu cuidados, mudando sua rotina do avesso. Ela incomoda o dia a dia da avó.

É nesses pequenos gestos que Vilela procura denunciar, de uma forma implícita, como a infância, principalmente a feminina, é silenciada pela sociedade que está instaurada. É nesses pequenos gestos que a infância é deixada de lado e obrigando a criança a crescer com traumas que irão carregar pelo resto da vida. É também assim que se instaura uma educação próxima aquela que Freire (2022) chama de educação bancária, que reconheci a criança somente como um receptáculo onde os adultos devem somente depositar valores que receberam anteriormente, repetindo assim um ciclo vicioso sem mudar o mundo.

O Texto 3 é onde a avó passar sua irritação para o contato físico. O corpo infantil é agora o alvo de gestos de dureza, por mais que seja somente com um simples sabão. Impaciência é o que a criança encontra de uma avó que deveria dar carinho e afeto. A água é fria, o sabão está áspero, cheio de areia, e a avó não tem nenhum cuidado ao finalizar um banho em uma pobre criança.

“Age como se não pensasse. Dizer assim ‘Seu cabelo é bonito’ ou ‘Você está muito magra, menina’, nunca não diz. Quase nada fala. E eu a olho de modo súplice: careço, e muito, de um pouco de afeto no trato da avó, no seu jeito de o cabelo me pentear, de a toalha passar nas minhas costas. A avó, porém, não me vê, sentir não me sente, talvez não me ame.” (VILELA, 2003, p.78)

A menina carece de alguém que dê algum carinho, porém, todos ao seu redor aparentam a desprezar e a falta de amor com ela é grande. Isso causa trauma profundos em um ser tão pequena, que agora, recordando depois de grande, percebe a falta que isso lhe fez e com suas palavras chora sem dizer, sem as lágrimas mancharem as páginas que o leitor ver diante de si. Esse momento também é de denúncia e de súplica para que a infância de hoje

receba mais carinho, mais afeto, mais amor e seja ouvida, pois isso é um relato de uma criança que não teve uma infância e sim uma criança que teve que viver silenciada e aprendendo a ser uma adulta antes do tempo.

Freire (2025, p. 31) fala que “pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela”. A avó nesse sentido deveria respeitar o direito da criança, buscando saber se a água estava fria demais, ou se a toalha estava sendo passada no seu corpo com brutalidade. O que vemos é a omissão do respeito ao corpo alheio, e somente o respeito ao dever de fazer, a menina precisava tomar banho e isso era o que importava. A avó não pergunta e nem dialoga, somente faz. O que ela educa aqui é o silêncio.

“ — Anda logo com isso, menina. / A voz da avó ríspida é, e seca, tão, que me dói como no peito um susto.” (VILELA, 2003, p. 79) Da avó somente repreensão ela recebe, não uma tentativa de afeto, ensinando com paciência como a menina poderia se banhar corretamente. A impaciência é constante. “Mergulhada em si mesma, a mim me ensaboia sem notar o quanto me fere. / No corpo e na alma.” (VILELA, 2003, p. 79)

Esse final é o resultado de uma violência não somente física ou verbal, mas também uma violência simbólica que afeta o subjetivo da menina. Ela é lavada sem o mínimo de cuidado, é esfregada com rispidez com um sabão cheio de grãos de areia. A avó parece que a vê como um objeto a ser limpo e não como uma criança, um ser vivo com sentimento. A relação é fria, funcional e impessoal.

Cunha (2024, p. 150), ao falar sobre a infância até a idade média, afirma que a criança era considerada “um adulto em miniatura”. Nesse contexto, esperasse que o adulto, o ser já formado, empunha valores, normas e comportamentos úteis da vida adulta, para aqueles que ainda estão em formação, ou seja, a criança. A infância é reduzida a somente um estágio preparatório para o que ela vai ser e não tem a plena experiência de vida infantil que é única desse período. A avó, aqui, também trata a menina como alguém que deve ser corrigido e domesticado. É como fala Heywood (2004, p.76, apud CALDEIRA, 2010, p. 2), que a criança feminina era um “produto corrompido” e precisava de disciplina.

Ela espera por afeto, porém, o que recebe é o silêncio e a correção. “Nunca não diz”, ela se pega pensando em simples elogios que gostaria de receber, mas que nunca recebe. E é desse jeito que a menina vai cada vez se fechando, moldando-se dentro de uma concha que pode nunca se libertar. Ela fecha-se na solidão e essa solidão transcende o corpo da menina e chega até nós leitores que sentimos essa dor em uma pobre criança. Entretanto, essa

realidade é mais comum do que possa somente parecer. A menina precisa ser vista, amada, sentida.

A violência simbólica que se exerce aqui é de uma forma invisível e legitimada pelas relações sociais, ou seja, quando a vemos achamos que é normal, pois já está enraizado em nossa sociedade. Bourdieu (2024, p. 12) chama-a de “violência suave e insensível, pois é invisível a suas vítimas”. Mas o que podemos entender é que, enquanto a menina não entende, ela só reconhece a dor física, mas que a aceita já que não tem força para lutar, mas que posteriormente ela vai carregar consigo essas marcas dolorosas de uma infância sem afeto e sem amor. O livro retrata que a criança cresceu, não especifica o quanto, mas que já tem uma certa compreensão de que aquilo a machucou e pode a estar ainda machucando até hoje.

E nessa indiferença que a avó tem que podemos identificar que existem outras formas de violência além da física, pois a avó não grita e não bate, ela é fria, distante, ausente de escuta ou de falar carinhosas e isso fere a neta de uma maneira silenciosa e constante. Ela somente queria ser acolhida nessa pequena tarefa do dia a dia, que era o banho ou no momento de ter os cabelos penteados, o milho jogado para as galinhas ou no catar gravetos. Essa é a dureza da estrutura patriarcal que isola emocionalmente os mais fragilizados.

É nesse contexto que Arriete Vilela buscou revelar que o abandono emocional também é uma forma de violência, é uma violência extrema. Primeiro a criança tentou com os pais, mas nunca teve afeto, carinho ou amor, agora ela procura nos avós, mas esse convívio está também em um patamar difícil e ela encontra ainda mais afastamento e a falta de tudo que a infância deveria ter. A autora buscou trazer lirismo e uma densidade única para nos mostrar como a infância sem escuta pode se tornar um campo onde o abandono reina, onde a meninada pode crescer sem a certeza de que um dia pode ser amada.

3.6 – O APRISIONAMENTO SIMBÓLICO: A LIBERDADE MANIPULADA NO TEXTO

7

A simbologia no Texto 7 retorna ao tema do aprisionamento. Nesse capítulo, Arriete Vilela no traz uma brincadeira que pode ser facilmente reconhecida como uma simples e inofensiva brincadeira de criança. A avó captura um cachimbau e o prende em uma linha, para que a menina possa brincar com ele como um balão vivo. Entretanto, esse que poderia ser corriqueiro, ganham proporções maiores quando o olhando com um olhar um pouco mais compreensivo.

A menina não entende o porquê de esta com o inseto, mas a avó é irredutível e insiste em que a menina fique com o animal. “– Pra que serve um cachimbau, avó? / – Pra nada, menina. / A ponta da linha, no rabo do cachimbau amarrada, a olhar fico. Da avó, uma maldade? Não, não. Apenas costume: brincadeira besta.” (VILELA, 2003, p. 93 e 94) Apenas costume, brincadeira, mas será que para o animal significa isso mesmo? Ele está impotente, nada pode fazer a não ser bater as asas em uma tentativa frustrada de libertação. Enquanto isso, a menina rejeita o bicho, pois o acha feio e sem graça, preferindo uma borboleta, mas não tem sabedoria para questionar. “ – Não gosto desse cachimbau, avó. / Preso não vale nada. Sequer uns vôos rasantes. Diferentemente das borboletas. Delas gosto, das amarelas sobretudo: roçam-me os cabelos, brincam-me.” (VILELA, 2003, p. 94).

A brincadeira não foi feita para agradar à menina e nem, talvez, pensada nela. Ela segura o bicho por ordem, obrigação. O animal para ela é indiferente e não vale nada. Nem é bonito, nem recebe nenhum tipo de afeição por parte da garota que o segura através de uma linha fina. “Preso não vale nada” (VILELA, 2003, p. 94), diz ela. Mas o que seria esse “preso não vale nada”?

A simbologia esta presente nesse conto, nesse texto, nesse capítulo. O animal é um simples animal de fato, mas ele também é um ser vivo dotado de sentimento e sentindo em seu próprio corpo. Ele sente o que estão fazendo com ele e no final termina morrendo de uma forma totalmente cruel. Foi capturado, aprisionado e finalmente morto por mãos que nem sabia o que estava fazendo. Mas retomando a simbologia presente aqui, o episódio com o cachimbau retrata verdades que estão profundamente cravadas em nossa sociedade. São temas como liberdade e sofrimento é retratado nesse capítulo. O inseto representa nada mais e nada menos como a própria menina, a própria mulher, que é atada por uma linha invisível de controle.

“Coisa besta, esta, de um cachimbau a morrer entre os meus dedos...” (VILELA, 2003, p. 94) O que deveria representar leveza, representa controle, dominação. O animal voa, mas é limitado a um espaço que a linha delimita e isso o controla na exaustão, repetindo os seus movimentos até que ele morra entre dedos que não mostram culpa, nem remorso.

A garota nos traz melancolia em sua voz e indiferença, mas o que o leitor sente é a simbologia da cena. No mundo patriarcal as meninas são moldadas a serem mulheres obedientes e submissas aos homens. A protagonista desse livro é moldada exatamente para essas funções na sociedade. Ela está sendo domesticada, amarrada e sendo impedida de voar

de uma forma completamente silenciosa. É nessa metáfora que Arriete Villela procura mostrar ao leito como simples brincadeiras têm significados extremos.

A brincadeira procura informar para a garota que não adianta ela tentar voar e nem se debater, a corda vai estar ali, invisível, para delimitar o que ela pode e não pode ser. A corda patriarcal procurará sempre cortar as asas daqueles em que acham que tem alguma dominação. Pois, para eles, voar é perigoso, e que a liberdade é algo impossível.

Essa cena é também uma crítica e uma resistência a forma como as meninas são muitas vezes educadas a reprimir seus impulsos e desejos. Como sua espontaneidade é reprimida e cortada. Essa linha de pensamento é novamente voltada a Heywood (2004, p. 76, apud CALDEIRA, 2010, p. 2), onde ele fala que “as meninas costumavam ser consideradas como o produto de relações sexuais corrompidas pela enfermidade, libertinagem ou a desobediência a uma proibição”. Isso não é um fato totalmente antigo, em partes da sociedade brasileira, principalmente na classe mais baixas, essa cultura ainda permeia e as meninas são tratadas com inferioridade, sendo reprimidas todas as suas vontades e escolhas e seus corpos são controlados tanto por elas como por aqueles que querem deter controle nos outros.

“Pra que serve um cachimbau, avó?” / “Pra nada, menina.” (VILELA, 2003, p. 93) Para o homem da estrutura patriarcal, a mulher não serve para nada, mesmo fazendo o de tudo, até mais que ele. Esse é o retrato que a avó fala sobre o inseto. A inutilidade sugere que ambos podem ser somente decorativos e descartáveis quando não tem uma utilidade específica.

A parte 2 representa a parte onde a garota começa a aprender a se resignar, a puxar, a prender e a manipular as coisas. Aqui ela está aprendendo a repetir os processos que seus educadores aprenderam antigamente. Feire (2022, p. 90) nos explica que “a opressão, que é um controle esmagador, é necrófila. Nutre-se do amor à morte e não do amor à vida.” Esse gesto é naturalizado pela sociedade, virou brincadeira e por ser “brincadeira” e natural da sociedade, já não tem mais importância. Essas repetições viram uma rotina que mostra como a opressão se molda em atos do cotidiano brasileiro. Elas mostram que a transformação da violência simbólica viram simplesmente comportamentos banais.

O cachimbau preso representa uma cultura onde a menina está presa em uma linha cheia de expectativas, normas e restrições. Onde a morte pode simbolizar que a liberdade, e a leveza da menina são perdidos para esse fio invisível.

Vilela não pensou em colocar esse episódio de forma corriqueira ou livre de sentido oculto. Ela buscou crítica e denunciar a opressão que muitas infâncias recebem ao

longa dos territórios brasileiros, principalmente alagoanos, onde viveu sua própria infância. Ela compartilhou memórias coletivas que muitas mulheres ainda têm dentro de si. É nosso dever refleti sobre a necessidade de romper esses ciclos para enfim mudar o mundo. Freire (2022, p. 93), fala que “a libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica a ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo.”

3.7 – UMA CRIANÇA, VÁRIOS ADULTOS: O PREÇO QUE GESTOS OPRESSORES DEIXAM NA INFÂNCIA NOS TEXTOS 9 E 10

O medo começa tomar forma e vira tema para a construção dos Textos 9 e 10. A protagonista e narradora começa a expressá-lo para os adultos. Mas é no Texto 9 da segunda parte que a menina mais se senti a vontade de expressá-lo para a avó, a pessoa que ela mais senti confiança na família.

A construção aqui é marcante, o sentimento transpassa o interior da menina e ela sente a necessidade de ditá-lo para alguém. “ – Avó, eu tenho medo. / – Está com medo de quê, menina? / – Eu não estou com medo, avó. Eu tenho medo.” (VILELA, 2003, p. 101) A garota não está naquele momento, como medo de algo específico, ela tem a ciência de distinguir estar como medo de algo e ter o sentimento enraizado dentro de seu cerne. Ela tem medo, uma ansiedade que ela não pode controlar.

Em todos os capítulos podemos ver que a menina carece de afeto e tenta ter vínculo com alguém, coisa que não é diferente nesse capítulo. Novamente como agente detentor de educação para a menina, a avó cuida dela na cozinha da própria casa. A menina, por mais que perceba a indiferença da avó, persiste no diálogo com a mesma. “ – Avó, eu sempre tenho medo, sabia? / Calada, a avó.” (VILELA, 2003, p. 101)

Calada a avó fica demonstrando a completa indiferença que contem para com a menina que tanto tenta uma aproximação. Essa frase desencadeia uma lista em que a menina nomeia os seus medos. São momentos específicos em que a menina foi induzida a sentir aqueles sentimentos. “Medo do moço maluco-do-pão, a mãe diz que ele pode me pegar pra fazer safadeza comigo.” (VILELA, 2003, p. 102)

Freire (2022, p. 46) fala que “um dos elementos básicos na mediação opressores-oprimidos é a prescrição. Toda prescrição é a imposição da opção de uma consciência a outra.” Nesse sentido, a menina foi imposta a sentir medo de tudo, a mãe a

induz de que alguém vai ser “mau” com ela e ela termina sentido medo desse alguém ou senti medo de que o avô aja como o próprio pai dela age quando não encontra a comida já feita quando chega. Isso demonstra como a sua infância foi fragilizada, principalmente por aqueles que a deveriam a proteger. Ela sente medo da violência doméstica, da repressão, da solidão e até mesmo de ser desprezada, fato esse que a sempre perseguiu. “[...]tanta coisa, avó, mas tanta, tanta, até de que você não goste nem um pouquinho assim de mim.” (VILELA, 2003, p. 102) E no final, a garota é novamente desprezada pela avó, que nem no mesmo comodo esta mais.

Esse final demonstra que a menina carecia muito mais de afeto, mas sempre lhea foi negado. Momentos simples em que ela só queria ser notada, mas que a função dos educadores que ela tinham era passar desprezo, desamor e desinformações, como podemos ver em trechos vindouros. A avó não é somente omissa ao relato, ou desatenta, ela simplesmente não queria contato, ela evita o afeto, como antes foi instruída da mesma forma. Isso evidencia a lógica estrutural do silenciamento que começa desde a infância e passa da fase adulta. As crianças não têm voz e o que falam são filtrados para serem seletivamente selecionado pelos adultos.

Sarmiento (2003, p. 53), observa que a “criança é o que não fala (*infans*), o que não tem luz (o aluno), o que não trabalha, o que não tem direitos políticos, o que não é imputável, o que não tem responsabilidade parental ou judicial, o que carece de razão, etc.”. Nessa estrutura, a criança que fala demais ou que se expressa demais é tratado como uma criança difícil, para o bem ou para o mal, estranha ou até cheia de manias. A avó é indiferente aos medos da menina, não os liga, “é coisa de criança”, mas também não sente nenhuma necessidade de educar a menina de uma forma que realmente possa ensinar a mesma a ser livre de seus receios. Isso poderia ser como a busca pela libertação que Freire ensina, pois, “a libertação, por isto, é um parto. E um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela, superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos.” (2022, p. 48) A avó precisaria superar as suas contradições e tradições para se libertar e libertar a neta desse ciclo de opressão.

No Texto 10, o avô se torna mais presente na cena. Ele conduz as crianças sob uma carroça de boi para um povoado onde a menina demonstra parte de seu medo ao avô. Pergunta se faz medo andar no carro de boi, tem medo dos animais agirem como os burros que empacam. Mas o avô simplesmente desdenha e diz que é “besteira”. A garota tenta diálogo, mas novamente o obtém sem afeto.

Outro momento que marca esse capítulo é o fato em que a menina por impulso pula do carro para catar gravetos, em um momento de empatia e afeto para com a avó. Enquanto os outros conversam na carroça, a menina se detém a olhar ao redor, a ver a estrada e o mundo. Os gravetos, jogados pela estrada, revelam que a menina ainda assim tem afeto para aqueles que a oprimem constantemente.

“Há, por outro lado, em certo momento da experiência existencial dos oprimidos, uma irresistível atração pelo opressor. Pelos seus padrões de vida. Participar destes padrões constitui uma incontida aspiração. Na sua alienação querem, a todo custo, parecer com o opressor. Imitá-lo. Segui-lo. Isto se verifica, sobretudo, nos oprimidos de “classe média”, cujo anseio é serem iguais ao “homem ilustre” da chamada classe “superior”. (FREIRE, 2022, p. 68)

A garota busca a aceitação da avó. Constantemente vemos ela tentando imitar as atividades que daquele que a designa como superior. A menina busca agradar e ser igual, jogar milho para a galinha como a avó faz, catar gravetos para que a avó possa usá-los ao cozinhar. Entretanto, como um caso corriqueiro, a visão muda ao final do capítulo.

O que poderíamos esperar de alguém com afeto seria a avó no mínimo agradecendo ao ato que foi feito com amor, diferente dos outros netos. “Essa menina é mesmo muito estranha, muito estranha...” (VILELA, 2003, p. 107) A menina é tratada como estranha e possivelmente “com parafusos soltos”. A avó não trata o fato como algo cheio de afeto, carinho ou amor, ela trata o ato com indiferença, sem nenhum tipo de sensibilidade, ou atenta aos detalhes que estão implícitos no ato. “Toma-os a avó. Ao lado do fogão, sem afeto, deposita-os.” (VILELA, 2003, p. 107)

A análise feita por Qvortup, simboliza que a infância é uma construção social que também tem, como a fase adulta, espaços cheios de desigualdades, conflitos e uma subjetividade reprimida. “Os parâmetros da infância têm seus valores alterados constantemente[...]. Contudo, a infância mantém certos padrões que a tornam passível de contraste, porque sofre o impacto basicamente dos mesmos conjuntos de parâmetros.” (2010, p. 638) A menina de *Grande baú, a infância* tem os seus valores reprimidos. O afeto que tenta com os adultos são poupados para se adequarem a vida social da sociedade que ela está inserida. No seu universo infantil ela quer ser sensível e atenta e busca a reflexão, entretanto o seu mundo real é intercortado pela falta de escuta, de cuidado ou de afeto dos adultos.

É nesse capítulo que podemos perceber algo que é mais comum do que parece. O amor infantil também se comunica fora das vias declaradas. Ele pode surgir de uma forma irracional, um pensamento involuntário, como um simples gesto de pegar gravetos, pensando em como uma pessoa pode utilizá-lo da melhor forma. A menina não diz para a avó que a ama, mas demonstra aquela atenção em tudo que ela faz, percebendo os detalhes ocultos da

vida da adulta. No Texto 8, é por via do pensamento que ela busca entender um pouco se por um acaso tem uma gota de amor da avó. “Talvez a avó me amasse. / Talvez.” (VILELA, 2003, p. 99)

É fato perceber que o medo descrito no Texto 9 é, portanto, uma consequência de falta de pertencimento. A menina busca pertencer a algo, busca ser escutada, mas é fragilizada afetivamente e toda a busca é voltada para o silêncio que recebe, pois é reduzida a um ser incompreensível pelos adultos. O uso duplo do advérbio “*talvez*”, pode também representa a esperança que a menina ainda retém dentro de si por afeto, como também representa uma denúncia sobre a carência que a mesma sente nesse sentido. Isso foi colocado para que o leitor possa sentir e sensibiliza-se com a falta de tais atos. Pois, é somente com a esperança ainda presente na menina que a mantém com uma mínima subjetividade infantil, mas que pode ser a qualquer momento reduzida a nada.

3.8 – QUANDO O MEDO TOMA CONTATA, ELE ADOECE E O AFETO, ENFIM, PODE CHEGAR

Aqui nesse capítulo a menina dá uma breve explicação do motivo de estar na casa dos avós, motivo esse que é torpe e desleal. Os pais novamente brigam e o homem expulsa a esposa e os filhos sem nenhum remorso de casa. “Brigam e fazem as pazes como se isto fosse a coisa mais natural do mundo.” (VILELA, 2003, p. 109) Essa frase vinda da menina demonstra que ela tem completo entendimento do que está acontecendo em sua vida. Percebe que aquilo é inatural, mas que é aceito sem nenhum preâmbulo. Isso nos traz uma visão clara de que essa estrutura familiar é completamente disfuncional.

Porém, o foco principal desse capítulo é outro. Encontramos uma tentativa de usar o medo como ferramenta de controle emocional e psicológico, mas que se encadeia em algo muito maior. O episódio que se segue é algo que afeta mais que um ataque físico, ele mexe com o controle emocional da vítima e causa marcas mais profundas na menina.

A menina só precisa dormir, mas é enlaçada em uma guerra que ela não procurou. De um lado está a mãe que sempre repreendeu a menina somente pelo fato dela ser uma criança e do outro a avó que usa do fato dela ser criança para criar fantasias. “Sou apenas uma menina miúda e não aguento essas palavras torturantes.” (VILELA, 2003, p. 112)

A mãe detém ameaças físicas e sociais, enquanto a avó procura o sobrenatural e espiritual. Esse medo causa na menina uma disputa entre quem vai ter que obedecer, entre

tomar água e não tomar água antes de dormir. Entre ter que ficar na porta da rua caso faça xixi na cama ou fazer o seu anjo da guarda morrer caindo na cacimba. E é nesse ambiente onde a disputa por autoridade que a nossa pequena protagonista se vê sem um mínimo de espaço para ter um vínculo de afeto e ter espontaneidade. Esse é o espaço em que os adultos dominam o que tem a sua volta sem olhar às consequências de suas atitudes.

É nesse ponto em que retornamos a Freire (2022, p. 46) que afirma que os oprimidos tem medo da liberdade, pois o medo de serem punidos moldam condutas silenciosas dentro deles, reprimindo vontades e desejos.

A consequência da fala da mãe reforça a ideia na menina de rejeição, vergonha pública e abandono, expulsando um incapaz do lar em que ele deve se sentir protegido. Para a menina, o lar é onde ela mais está desprotegida, mesmo ela ainda não tendo ciência. Freire (2022, p. 84) ressalta também que o opressor procura transformar a mentalidade dos oprimidos, para assim os dominarem. É nesse ponto em que a menina não sente somente o medo da violência física, ela sente o medo do abandono, sentido-se como se constantemente estivesse preste a ser descartada pelos entes familiares.

O que vemos no desenrolar das consequências é a menina ter um ataque de pânico. Ela teme pelo anjo, receia que ele caia na cacimba e grita em pânico. É os avós que tentam a consolar e somente assim decidem dar algum afeto a menina. Somente com o adoecimento da menina que os entes a reconhecem como sendo detentora de carinho, de cuidado e não de brutalidade, estranhamente.

“E então, pela primeira vez nessa infância desolada, sou embalada num colo amoroso, enquanto o avô, ao lado, assovia baixinho umas cantigas de ninar...” (VILELA, 2003, p. 112) Qvortrup (2010, p. 639) ressalta que “muitos parâmetros, talvez os que mais influenciam a vida das crianças, são definidos sem sequer levar em consideração as crianças e a infância.” É assim que percebemos que essa perspectiva estrutural ainda negligência as crianças. Pois, o silenciamento pode até não deixar marcas visíveis, mas o corpo e a alma da criança sempre irão lembrar. “Pode-se apresentar um argumento contundente para demonstrar que a suposta indiferença com relação à infância nos períodos medieval e moderno resultou em uma postura insensível com relação à criação de filhos.” (HEYWOOD, 2004, p. 87 apud CALDEIRA, 2010, p. 1)

Freire (2022, p. 40) afirma que "a desumanização, que não se verifica apenas nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação de ser mais". É nesse pequeno gesto de afeto que a menina

pôde perceber que ainda era humana e que ainda podia receber afeto de alguém. Mas foi preciso algo extremo para que tal ato acontecesse. Pois, quando usamos o medo para educar, ele não educa, ele somente faz com que o sujeito adoça mentalmente. Esse fato escancara que a humanidade precisa ter os seus valores alterados para podermos ser mais e ter “amor a vida” e não “amor a morte”.

3.9 – REALIDADE E FANTASIA: QUANDO O MEDO E TRAUMAS DO PASSADO TRANSFORMAM ATÉ O IMAGINÁRIO INFANTIL (TEXTO 13)

Finalmente o final do livro chegou e com ele trouxe um completo adoecimento de nossa querida protagonista mirim. Arriete Vilela aqui buscou aprofundar a consciência infantil e conduzir o leitor em uma jornada delicada entre a realidade e a imaginação que permeia o mundo infantil. Para Sarmiento (2003, p. 53) “o imaginário infantil é concebido como a expressão de um deficit - as crianças imaginam o mundo porque carecem de um pensamento objectivo ou porque estão imperfeitamente formados os seus laços racionais com a realidade.”

No Texto 13, a menina não precisa mais de um adulto familiar para que a narrativa de opressões continue a dar tensão na história. O que antes tinha sido submetido a ela gerou experiências que trazem os traumas e a negligência afetiva a tona. A menina se vê refém de sua própria fantasia e curiosidade. Ela busca mais uma vez compreender o mundo adulto e o caos, dessa vez rodeio a nova personagem Zé Cocó.

Diferente das outras crianças, a protagonista sente curiosidade na figura e não a marginaliza, não a trata com desprezo ou a ignora como os adultos. “É um pedinte miserável, andrajoso – repugnante, porque fede.” (VILELA, 2003, p. 117) Ela o observa através da janela escondida, tentando não ser notada, mas igualmente atenta a cada detalhe, correndo com os olhos o movimento do sujeito. O texto não o nomeia como tal, mas descrever um sentimento de humanização que o sujeito tem diferente daquele ao redor dele e da menina. “[...]ele para diante de cada porta, nela bate com a vara — não de forma grosseira a ponto de irritar as pessoas da casa, mas de maneira a ser escutado por quem esteja inclusive lá atrás, no alpendre ou no quintal.” (VILELA, 2003, p. 117 e 118)

A garota observa não somente o aspecto do sujeito, “andrajoso”, e o cheiro, mas a forma cuidadosa que ele cuida das esmolas ganhadas, de como ele acomoda cada ganho dentro de um “saco encardido de sujo”. É com essa atenção que vemos como a nossa protagonista se humaniza cada vez mais com o homem. Ela busca ter empatia e sentir afeto

por quem não detém laço familiar. Isso mostra uma fissura dentro da estrutura familiar que ela tem, ela buscar aquilo que não recebe de seu familiar no povo de fora.

Qvortrup (2010) afirma que a infância deve ser compreendida mais do que somente um período preparatório para a vida adulta, mas como uma categoria estrutural da sociedade, onde a criança tem suas próprias necessidades. Assim, quando a criança tenta buscar voz para si, ela tenta mudar a perspectiva de que os adultos sempre são o centro da lógica real e que a criança não tem nenhum conhecimento. É como observa Sarmiento (2003, p. 53) ao definir que a criança era chamada de “*infans*”, aquele “que não fala” ou que carece de razão. Bourdieu (2024, p. 23) aponta que essa violência simbólica gera um caráter social onde as estruturas da sociedade legitimam as condições presentes em cada divisão, entendendo que aquilo é natural:

“É a concordância entre as estruturas objetivas e as estruturas cognitivas, entre a conformação do ser e as formas do conhecer, entre o curso do mundo e as expectativas a esse respeito, que torna possível esta referência ao mundo que Husserl descrevia com o nome de “atitude natural”, ou de “experiência dóxica”- deixando, porém, de lembrar as condições sociais de sua possibilidade. Essa experiência apreende o mundo social e suas arbitrarias divisões, a começar pela divisão socialmente construída entre os sexos, como naturais, evidentes, e adquire, assim, todo um reconhecimento de legitimação.” (BOURDIEU, 2024, p. 23)

No momento em que a garota sente empatia por alguém marginalizado socialmente, ela está quebrando os paradigmas sociais e talvez assim retendo o medo que a sociedade implantou nela. Ela quer conhecer mais sobre aquele homem, pergunta onde ele mora discretamente para a avó e ela responde de forma corriqueira. Ela busca compreender porque ele vive daquele jeito, fora dos dogmas sociais. Trama ir até o povoado onde ele mora e o avô é que termina ajudando a jovem em sua aventura, mesmo não sabendo.

No momento do deslocamento, percebemos como a memória da criança se projeta na descrição das passagens. É um ritual onde a menina observa tudo ao redor com atenção, procurando encontrar aquele que determinado sua curiosidade. É sozinha que ela presta atenção, num menino e seu cachorro lambendo o mesmo pirulito, meninas despidas mostrando o começo de seus peitos. São cenas em que a menina sente estranheza pelo fato de parecerem anormais em seu mundo, em sua cultura. Mas o que isso mostra é justamente a realidade do sistema social que o mundo silencia para a maioria. A ambiguidade desse momento representa um momento em que a menina não somente vê a pobreza ou a gentileza do local, mas também sente aquilo para si.

Segundo Halbwachs (2006, apud RIOS, 2013, p. 6) as memórias individuais constituem-se pelo que é chamado de “quadros sociais da memória” que determinam o que deve ser “lembrado, esquecido, silenciado ou comemorado pelos indivíduos”. Essas imagens

na mente da menina ajudam a fazer uma impressão de como povoado é e de como isso pode ser resgatado depois em um caso de precisão, pois essas memórias estão longe de serem somente individuais e reforçam a ideia de coletividade. Rios (2013, p. 14) também retoma uma análise feita por Beatriz Sarlo (2007, p. 22) onde ela reforça a ideia de que “é mais importante entender do que lembrar, embora para entender também seja preciso lembrar”. Essa análise procura nos mostra que precisamos primeiro entender o que vimos, para que possamos, junto com as memórias, compreender as narrativas.

A visita ao povoado torna-se algo simples e corriqueiro na narração. A menina promete não causar problemas e de fato não o causa, buscar ficar em seu canto quieta com a curiosidade “batendo em sua porta”. Curiosidade essa que é típica da infância, onde a criança procura os sentidos das coisas. Essa curiosidade também pode representar um momento de resistência à indiferença afetiva que ela sofre.

Freire (2022, p. 108) lembra que não é no silêncio ou em palavras falsas que a existência humana deve persistir e sim em expressões verdadeiras e a menina procura com sua curiosidade ter expressões verdadeiras. Ao tentar buscar experiências verdadeiras, a menina está lutando contra a lógica da dominação simbólica, em que aqui o adulto é quem domina tudo.

Ela sente-se no batente e ignora todas as tentativas de o avô oferecer comida a ela. Somente ajeita-se em seu canto. “Ajeito meu vestidinho: ‘Menina não se sinta de pernas abertas’, diz sempre a mãe.” (VILELA, 2003, p. 121) A mãe, mesmo longe, inaugura o ciclo de opressão para com a garota. Ela lembra-se das repreensões da mãe e cria um sistema em que busca se autocorrigir mesmo estando sozinha. “Os que inauguram o terror não são os débeis, que a ele são submetidos, mas os violentos que, com seu poder, criam a situação concreta em que se geram os ‘demitidos da vida’, os esfarrapados do mundo.” (FREIRE, 2022, p. 58) A mãe em todos os capítulos procurou causar terror na filha e nunca buscou trazer amor para a mesma. Mesmo de longe ela ainda sente o peso das palavras opressoras que um dia a mãe falou para ela, mesmo que estas palavras tenham sido somente para educar.

É desse modo que vamos percebendo que a garota tem curiosidade, mas ainda assim obedece aos dogmas passados a ela. Ela obedece a avô e a mãe mesmo sem o olhar atento das duas. É nesse contexto de obediência que a menina termina se entregando ao imaginário, a sua subjetividade.

O texto não especifica exatamente que ela já está sonhando, mas faz o leitor entender que a garota está dormindo. Isso é algo típico da escrita arrietiano nesse livro. A

autora nos induz que ela está com sono, mas não chega a dizer que de fato ela dormiu e assim começa um momento de “travessuras”.

Já no subconsciente da menina podemos perceber que ela ainda assim se preocupa com o avô, mas tenta lutar contra a lógica opressora em que está presa. “Então me levanto e arrisco-me na desobediência. Vou indo pela rua. A princípio olho para trás, a ver se o avô repara na minha ausência.” (VILELA, 2003, p. 123) Essa tentativa de desobediência marca um ponto-chave em que a criança só consegue ter controle para si mesma em seu imaginário. Ela busca descobrir onde é a casa de Zé Cocó, o que o homem misterioso faz quando ela não está olhando.

Essa conduta presente na menina pode ser lida como algo que Freire (2022) fala, onde o oprimido tem o medo da punição já enraizado em sua consciência e isso acarreta ter suas vontades silenciadas. Na realidade ela está curiosa, mas sentada à vista do avô obedecendo e sendo fiel aquilo que disse que iria fazer, não o perturbá-lo. Entretanto, no imaginário infantil vemos uma lutar silenciosa em que a menina resiste a essa prática opressora. Esse ato de rebeldia é somente uma tentativa de dar sentido nas coisas, sentido esse que não é nutrido pelos adultos ao redor.

Ao chegar na casa em que seu imaginário acredita que seria de Zé Cocó, ela fantasia que a realidade do homem é completamente diferente daquela que demonstra a todos. Pelo lado de fora a casa é pobre, mas por dentro, mesmo ela olhando pela janela, tudo está limpo e perfumado e o homem também está impecável. O imaginário infantil abre um contraste para as imagens negativas que a sociedade traz do homem. A menina dá sentido aquilo que acha incompreensível e isso revela como o poder da imaginação infantil também pode construir e reconstruir as coisas. Sarmiento (2003) ao falar sobre o imaginário infantil enfatiza que:

“Para Freud, o imaginário infantil corresponde à expressão do princípio do desejo sobre o princípio da realidade, sendo o jogo simbólico uma expressão do inconsciente, para além da formação da censura. Para Piaget, o jogo simbólico é a expressão do pensamento autístico das crianças, progressivamente eliminado pelo processo de desenvolvimento e construção do pensamento racional.” (SARMENTO, 2003, p. 53)

Isso permite que a criança crie em seu imaginário um mundo onde tudo tem sentido e é explicado, mas que nele a menina também traz suas alegrias e suas dores infantis. Esse fato nos mostra que a criança não constrói uma fuga para suas dores, o imaginário dela

é uma revelação onde a criança resiste ao mundo real em que é regrado em opressões e silenciamento.

O momento em que o homem convida a menina para entrar, mostra que a menina busca acolhimento e familiaridade, mas que também é retratado como perigo e a menina percebe. É nesse momento em que o medo novamente volta para a narrativa e toma conta da menina. É quando o homem tenta a pegar pelo braço e várias coisas ela percebe ao mesmo tempo, “um cachorro assusta-se e late ferozmente, mostrando-me os dentes pontudos. Desesperada, grito. Mãos vigorosas me seguram. Quero correr, mas as pernas não me obedecem, pesam-me como se eu estivesse caindo lentamente num precipício.” (VILELA, 2003, p. 122) Mas isso é as consequências de um pesadelo em que a menina se encontra. O mundo real se funde com o imaginário fazendo a menina não sabe mais onde esta.

É com esse contraste que percebemos as experiências infantis que marcam a vida cheia de traumas e de ausências afetivas na vida da menina. Podemos perceber que essa negligência resulta em criações subjetivas fragmentadas por parte do imaginário da criança, pois foi marcado pelo medo, pela carência afetiva, pela insegurança, pela opressão.

Quando o avô a toca, ela acha que é Zé Cocó a tocando. Não sabe em que esta sendo colocada, só sente o que, mas mesmo assim continua presa entre o véu do mundo imaginário e real. É nesse momento em que percebemos que ela nunca saiu do batente. “E então ouço o avô dizer: / – Até cochilando, essa menina tem pesadelo!” (VILELA, 2003, p. 123)

O avô sente uma certa pena da menina, mostrando que entende que a mesma não é feliz e vive em um mundo de pesadelo, mas que nada pode fazer, talvez porque ache que não é de sua obrigação. Freire (2022) em seu livro fala que os homens devem se libertar em comunhão, para a existência de um mundo melhor. Nesse sentido, a menina está presa em seu mundo de opressão, então deveria ser, junto com os adultos, a libertação completa dessa prisão, onde todos os comportamentos seriam alterados e os costumes mudados.

É com esse final que o Texto 13 escancara uma narrativa forte da infância, principalmente feminina. É aqui que percebemos que a imaginação também pode ser um território de riscos e de sobrevivência para o sujeito. Arriete Vilela pensou em nos mostrar como a fantasia pode ser lúdica e criativa, mas também pode trazer as marcas dos traumas vivenciados na infância. Pois, quando a criança é tratada sem escuta, sem afeto, sem amor, sem nenhum cuidado, ela pode criar para si sombras de inseguranças, de dores e de medos que caminharão ao longo da vida.

É nesse momento em que confirmamos que o “*grande baú*” descrito no título é marcado por memórias que destoam dos contos de fadas das maiorias dos livros infantis. Que a vida infantil da realidade não é cheia de aventuras ou de fantasias mágicas, mas de fantasmas que permeiam a subjetividade da criança. É onde confirmamos também que a imaginação é também um campo de disputa entre o desejo de afeto e as marcas do abandono. Não é à toa que o mundo imaginário cria narrativas com diferenças entre a realidade. Zé Cocó, o casebre perfumado e o cachorro que aparece do nada são fantasmas prescritos em uma fantasia cheia de traumas que a menina provavelmente deseja ter. Zé Cocó simboliza o afeto que ela não tem, a casa é um refúgio de segurança e o cachorro é um amigo que a menina procura nas outras crianças. A escrita de Vilela esclarece que a mente infantil pode recriar cenas de emoções extremas onde o que é real dói e o que é fantasia assombra, que a vida infantil também pode ser um mundo cheio de batalhas internas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao adentrarmos no mundo de Arriete Vilela, somos conduzidos a um mundo que poderia ser distópico, ou seja, uma realidade em que não se encaixa com a nossa. Porém, o livro não tem nada de distópico e sim conta como exatamente é a realidade de muitas meninas em nossa sociedade. A experiência vivida pela criança se assemelha com várias outras em muitos contextos sociais.

O silenciamento, a opressão, o isolamento e a falta de afeto são algo comum em um mundo onde os adultos simplesmente se priorizam e tratam os filhos como simples objetos e servidores de suas vontades. Afazeres domésticos, como lavar os pratos, são algumas das coisas que esses tipos de pais obrigam os filhos, ainda pequenos demais, a fazer, sendo uma mostra de que eles procuram crescer e introduzir as crianças de forma precoce no mundo adulto.

Esse livro não é somente um livro infantil, mas também uma forte denúncia contra uma estrutura familiar que se baseia em patriarcado em que não existe afeto, nem amor e que os desejos do homem, de preferência cis e branco, reinam. O livro é implícito a passar todas as formas de preconceito nesse tipo de família, porém conseguimos perceber o machismo, um preconceito contra pessoas que trabalham em circo, e que a criança não tem lugar em nenhum momento em que um adulto está presente.

A menina, uma simples criança solitária, busca em sua existência um simples vínculo para pertencer a um lugar e ser acolhida, porém, nem a mãe, o pai, o irmão ou a avó materna concedem essa dívida. É somente em momentos de apuros, onde ela se derrete em febre ou pesadelos, que um mínimo gesto de afeto recebe, mas que não é duradouro. Como analisado em muitas partes deste trabalho, a criança recebe de sua mãe uma constante vigilância e serviços brutos, do pai é a brutalidade física e verbal, onde ela se vê espancada por frustrações conjugais que não pertencem a ela, e da avó é o extremo silenciamento que reina em qualquer contato da menina.

Essa narrativa mostra que a infância também é feita de descuidos e opressões, silenciamento e desamor. Freire (2022, p.108) fala que a existência humana deve se configurar em palavras verdadeiras e não no silêncio ou em palavras falsas. O mundo patriarcal, que ainda existe na nossa sociedade, se configura dessa forma que foi analisada no livro, repleto de silenciamento e de mentiras, como o caso do limão, ou até a fantasia do anjo da guarda. A frustração e o desconforto que encontramos ao ver, mesmo na escrita, cenas

como essas é um fato de compreensão de que o mundo precisa trabalhar mais com as palavras de Freire, pois precisamos mudar esse mundo para ter igualdade e equidade.

A infância precisa ter mais escuta, mais afeto, mais amor, pois ela precisa de mais segurança para crescer com felicidade e não com infelicidade, como foi o caso de nossa protagonista. Esses atos que a criança antes recebeu, poderiam facilmente a torna uma mulher fragilizada, insegura, submissa e que vai transmitir da mesma forma no próximo ciclo, se caso já não a tornou.

A violência simbólica que Bourdieu (2024) aponta tem esses traços marcados nela. Isso é um reflexo grande onde o homem decide que tem que reinar e que a mulher deve ser submissa a ele. Entretanto, o mundo não precisa disso e não funciona assim. Todos somos iguais, independente de etnia, gênero, ou opção sexual. O que precisamos é mudar essas práticas retrogradadas e vivem num mundo do futuro onde todos são iguais de fato e não em uma sociedade de máscaras.

Na parte da *Cirandinha*, somos apresentados a uma infância onde o dever vem primeiro do que a brincadeira, onde a dureza toma o lugar da leveza e onde o controle emocional está sempre presente ao invés do afeto familiar. A criança presente neste livro, não é a que transpira aventura ou o lúdico, ela carrega exclusões, medos e afetos não correspondidos, ela é proibida de ser criança. Já na parte II, *Empresta-me os bilros, avó?*, o espaço muda um pouco, mas mesmo assim a criança carrega silenciamento e traumas. Ela tem mais liberdade de ser criança, já que não esta sobre a vigilância constante da mãe, mas a avó carrega o silêncio e procura não ter vínculo com a neta. Então o único lugar em que a menina finalmente tem para suprir sua fonte de desejos de ser criança é em seu imaginário, porém, este, no final, se mostra também um campo de pesadelos, resultados de uma infância em que os adultos tentam constantemente moldar a mente infantil.

Por mais que essas lembranças sejam somente desta criança elas se parecem muito com as memórias que outras pessoas tiveram quando crianças. Halbwachs (2006, p.30 apud RIOS, 2014, p. 5) afirma que as lembranças permanecem coletivas porque jamais estamos sós. Isso ocorre porque essas lembranças são parecidas, é usando um cachimbal preso a linha ou um outro pequeno animal que vamos percebendo em como a nossa sociedade repete gestos de dominação e molda a mente de seus agentes.

É com isso que vemos que essa obra é fundamental para a percepção e reflexão do ser, pois ela aborda temas que precisamos urgentemente rever. Como estamos tratando a infância? Que espaço de escuta, nos pais ou educadores, estamos dando as crianças? Estamos

deixando aberto um ambiente em que a criança se sinta segura para demonstrar seus sentimentos, medos, dúvidas, curiosidade e sonhos? A infância requer mais do que colocar a comida da criança na mesa, requer mais do que dizer que é o pai ou a mãe de tal. A infância requer afeto, carinho, escuta, espaço para o lúdico, o subjetivo e requer também amor. Infelizmente, essa criança do livro não teve isso, e muitas pessoas se identificam como tal.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 23. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2024. 207 p.

CADEMARTORI, L. **O que é a literatura infantil**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010. 80 p.

CALDEIRA, B. L. **O conceito de Infância no decorrer da história**. Educadores, 2010. Disponível em: <https://btux.com.br/professorbruno/wp-content/uploads/sites/10/2018/07/O-Conceito-de-Inf%C3%A2ncia-no-decorrer-da-inf%C3%A2ncia.pdf> Acesso em: 15 set. 2023

CUNHA, T. R. De A. **O conceito de infância ao longo da história**. Humanas em Perspectiva, [s. l.], v. 10, 2024. DOI: 10.51249/hp10.2024.1830. Disponível em: <https://www.periodicojs.com.br/index.php/hp/article/view/1830>. Acesso em: 22 jul. 2025.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 83. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2022. 256 p.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. 80. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2025. 144p.

GOUVÊA, M. C. **A construção do “infantil” na literatura brasileira**. Revista Teias, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 13 pgs., 2007. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/23848>. Acesso em: 27 ago. 2025.

MATTOS, A. I. S. **Desigualdades de gênero: uma revisão narrativa**. Revista Saúde.com, [s. l.], v. 11, n. 3, p. 266-279, 2015. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/rsc/article/view/372>. Acesso em: 11 out. 2023.

PINTO, M. A. **A infância como construção social**. 1997. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/40377> Acesso em: 11 out. 2023

QVORTRUP, J. **A infância enquanto categoria estrutural**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 36, n.2, p. 631-643, 2010 <https://doi.org/10.1590/S1517-97022010000200014> Acesso em: 11 out. 2023

RIOS, F. D. **Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo**. Revista Intratextos, [s. l.], v. 5, n. 1, p. 1–22, 2014. DOI: 10.12957/intratextos.2013.7102. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/intratextos/article/view/7102>. Acesso em: 22 jul. 2025.

ROSA, T. B. **O poder em Bourdieu e Foucault: considerações sobre o poder simbólico e o poder disciplinar**. Revista Sem Aspas , Araraquara, v. 6, n. 1, p. 3–12, 2017. DOI: 10.29373/semaspas.v19n1.2017.9933. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/semaspas/article/view/9933>. Acesso em: 22 jul. 2025.

SANTOS, M. G. dos; SILVA, P. M. da. **A construção da infância na literatura brasileira: Jônatas Conceição e Conceição Evaristo, reflexões sobre novas formas de reexistência e representações da infância negra**. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [s. l.], v. 10, n. Ed. Especi, p. 794–810, 2018. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/565>. Acesso em: 22 jul. 2025.

SARMENTO, M. J. **Imaginário e culturas da infância**. Cadernos de Educação, n. 21, 2003. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/educacao/article/view/6119> Acesso em: 11 out. 2023

SCHMIDT, M. L. S; MAHFOUD, M. **Halbwachs: memória coletiva e experiência**. Psicol. USP, São Paulo , v. 4, n. 1-2, p. 285-298, 1993 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771993000100013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 22 jul. 2025.

SILVA, G. F. d. **A memória coletiva.** Revista Aedos, v. 8, n. 18, p. 247-253, 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/59252/38241> Acesso em: 22 jul. 2025

STAMATTO, M. I. S. **Um olhar na história:** a mulher na escola (Brasil: 1549 - 1910) Disponível em :
<https://www.tjrj.jus.br/documents/10136/3936242/a-mulher-escola-brasil-colonia.pdf> Acesso em: 5 out. 2025

VILELA, Arriete. **Grande báu, a infância.** Edufal, Maceió. 2003. 132 p.